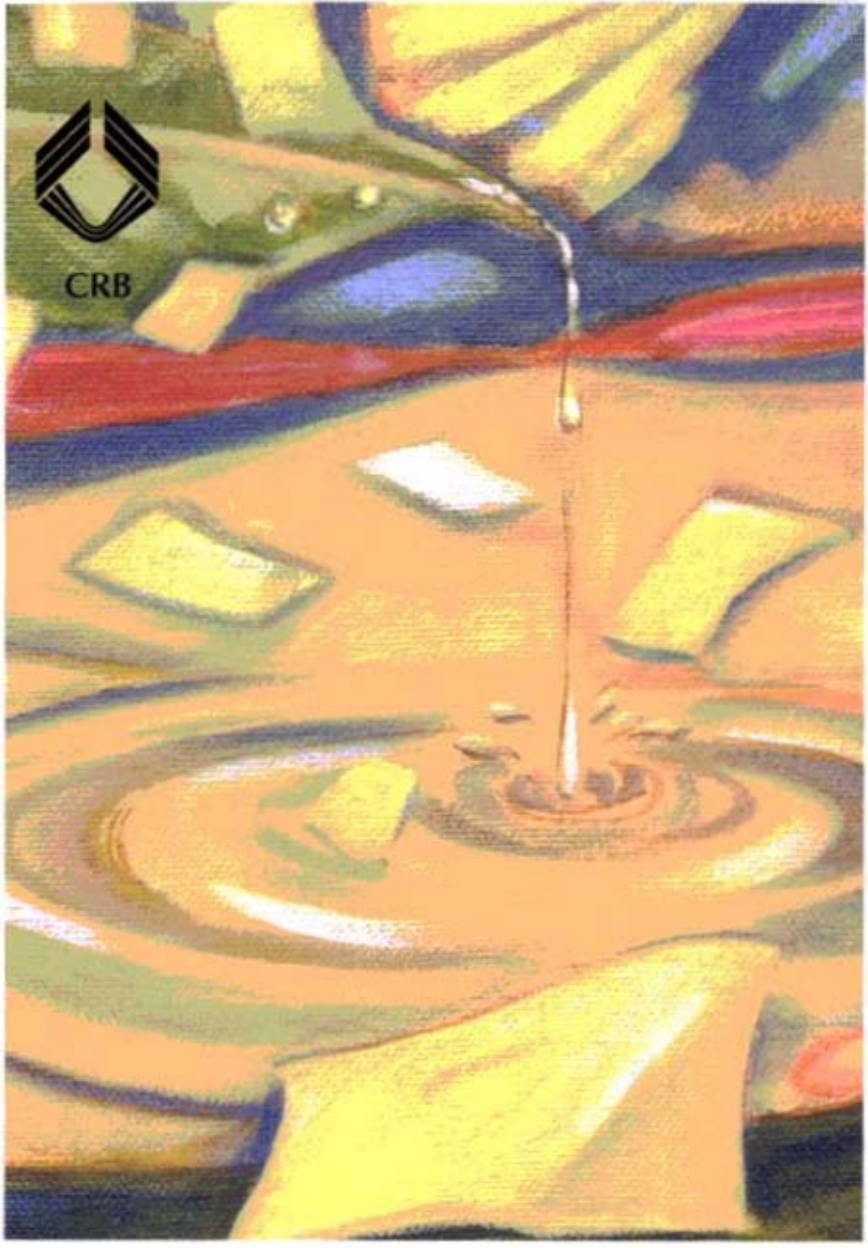

SETEMBRO 2009 • XLIV • nº 424

CONVERGÊNCIA

- Vida Religiosa e Teologia – CLAR 50 anos
- Provocações de Aparecida à Vida Religiosa
- Juventudes e Vida Religiosa: possibilidades de aproximação
- A Vida Religiosa Contemplativa no mundo da ciência e da tecnologia

Sumário

Editorial

Partir de Cristo para assumir os desafios do caminho 513

Palavra da VRC

Mensagem da Vida Religiosa Consagrada no encerramento da XVII Assembleia Geral da Conferência Latino-Americana e Caribenha 517

Informes

III Seminário de Espiritualidade Bíblica: "Caminho para a vida em abundância" 520

I Reunião Ampliada de Psicologia. Equipe de Reflexão Psicológica mobiliza integração com Regionais 522

Artigos

Vida Religiosa e Teologia – CLAR 50 anos – Israel José Nery 523

Provocações de Aparecida à Vida Religiosa – Agenor Brighenti 539

Juventudes e Vida Religiosa: possibilidades de aproximação – Rubens Nunes da Mota 558

A Vida Religiosa Contemplativa no mundo da ciência e da recnologia – Martha Lúcia Ribeiro Teixeira 567

Esta revista segue a nova ortografia da Língua Portuguesa.

A ilustração da capa, de Irmão Anderson S. Pereira, msc, mostra um pingo d'água que brota da folha da esperança, como orvalho sobre o deserto, e gera ondas. Uma faixa vermelha atravessa o desenho, simbolizando o projeto do Reino que, como sangue, sustenta a vida, e é presença do Espírito Criador e Salvador que impulsiona e sustenta a caminhada da vida religiosa.

CONVERGÊNCIA
Revista mensal da Conferência dos Religiosos do Brasil – CRB
ISSN 0010-8162

DIRETORA RESPONSÁVEL
Ir. Márian Ambrosio, dp

REDATORA RESPONSÁVEL
Ir. Maria Juçara dos Santos, fdz
MTb 8105

EQUIPE DE PROGRAMAÇÃO
Coordenadora:
Ir. Vera Ivanise Bombonatto, fsp

Conselho editorial:
Ir. Helena Teresinha Rech, sst
Ir. Maria Freire, icm
Pe. Cleto Caliman, sdb
Pe. Jaldemir Vitório, sj

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
SDS, Bloco H, n. 26, sala 507
Ed. Venâncio II
70393-900 - Brasília - DF
Tels.: (61) 3226-5540
Fax: (61) 3225-3409
E-mail: crb@crbnacional.org.br
www.crbnacional.org.br

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas do PDF sob o n. P. 209/73

Projeto gráfico:
Manuel Rebelato Miramontes

Revisão:
Cirano Dias Pelin e Sandra Sinzato

Impressão:
Gráfica de Paulinas Editora

Os artigos assinados são de responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.

Assinatura anual para 2009: Brasil: R$ 84,00
Exterior: US$ 84,00 ou correspondente em R$ (reais)
Números avulsos: R$ 8,40 ou US$ 8,40

Partir de Cristo para assumir os desafios do caminho

A Vida Religiosa Consagrada da América Latina e Caribe acaba de viver uma dupla experiência de atuação do Espírito de Deus: o *Congresso da Vida Religiosa e Teologia Latino-Americana* e a *XVII Assembleia Geral Eletiva*. Os dois eventos comemorativos e celebrativos pelo jubileu de cinquenta anos de criação da Confederação Latino-Americana e Caribenha de Religiosos e Religiosas vieram reavivar os compromissos que a VRC de nosso continente há tempos assumiu em defesa da vida e de uma prática mais comprometida em relação aos valores do Evangelho. É um sinal de luz que ilumina a partir do clarão que emana da pessoa de Jesus Cristo. Os ecos do que aconteceu em Bogotá, Colômbia, de 19 a 27 de junho de 2009, chegam até nós, provocando-nos a rever nossa caminhada, nossas práticas e, especialmente, nosso *ser* no complexo contexto social do qual fazemos parte.

A instrução *Partir de Cristo*, de maio de 2002, publicada pela Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica, expressa bem a dinâmica da VRC como expressão radical do seguimento de Jesus de Nazaré:

> A vida consagrada, no contínuo suceder-se e afirmar-se de formas sempre novas, é já, em si mesma, eloquente expressão desta sua presença, quase uma espécie de Evangelho desdobrado nos séculos. Ela aparece, com efeito, como "prolongamento na história de uma especial presença do Senhor ressuscitado". Desta certeza, as pessoas consagradas devem auferir *um impulso renovado*, fazendo dela a força inspiradora do seu caminho.

Mediante essa exortação da Igreja, cabe nos perguntarmos: na concretização de nossa missão, que defendemos *prioritariamente*: o Evangelho de Jesus Cristo ou nossos documentos específicos? É uma indagação para nos desestabilizar, mas que precisamos, seriamente, levar em conta quando nos dispomos a rever e atualizar nossos programas.

A Palavra da VRC que abre esta edição de *Convergência* é a "Mensagem da Vida Religiosa Consagrada no encerramento da XVII Assembleia Geral da Confederação Latino-Americana e Caribenha". Os sentimentos que dela captamos começam na necessidade de revitalizarmos nosso compromisso diante da situação dos empobrecidos de nosso continente, passam pelas interpelações trazidas na bagagem entusiasmada das *novas gerações* e nos confrontam com o desafio de um "novo estilo de Vida Consagrada revitalizada, que responda aos novos paradigmas que nos inquietam", impulsionando-nos à construção de comunidades "mais humanas e humanizantes".

Para nos ajudar a resgatar esses valores, Irmão Israel José Nery, fsc, nos presenteia com uma bela memória histórica, ainda que apresentada em síntese. Faz-nos percorrer um itinerário precioso, marcado por presenças e fatos de valiosíssima relevância no contexto da VRC na América Latina e Caribe. Em seu artigo "Vida Religiosa e Teologia – CLAR 50 anos", Irmão Nery nos brinda, além do registro histórico, com uma menção do que foi destaque no Congresso "Vida Religiosa e Teologia Latino-Americana": a opção preferencial pelos pobres; a cristologia elaborada a partir da periferia; a Santíssima Trindade considerada mais a partir da vida, da criação, da dignidade humana, da liberdade; a eclesiologia fundamentada na comunidade apostólica de Jesus, nas primeiras comunidades; a mariologia apontando para uma renovação da Antropologia a partir da questão de gênero e a hermenêutica bíblica na América Latina.

A viabilização dessas interpelações só será possível se levarmos em conta que, "agora, é a hora da verdade, da exigência de profundas mudanças", como escreve Padre Agenor Brighenti em "Provocações de Aparecida à Vida

Religiosa". Passados mais de dois anos da Conferência de Aparecida, alguns gritos emergidos então ainda permanecem meio que abafados. Das conclusões que o *Documento de Aparecida* apresenta, Padre Agenor nos oferece algumas reflexões: como ser "Igreja samaritana" num mundo marcado pelo "triunfo do indivíduo solitário"? O sedentarismo, o aburguesamento, a falta de sensibilidade e compaixão são grandes obstáculos para uma Vida Religiosa samaritana. É preciso muita atenção com a volta de uma caridade despolitizada, assistencialista, filantropia igrejeira, que faz do pobre um "objeto" de caridade e não "sujeito" de sua própria história de salvação com os outros; uma VRC profética é capaz de guardar a memória dos mártires das causas sociais, expressão da memória perigosa de Jesus de Nazaré. A VRC não é uma Igreja dentro da Igreja, é membro desse único corpo.

Nessa cadeia de provocações e desafios nos deparamos com uma das mais fortes interrogações da VRC dos tempos atuais: como nos aproximamos das *juventudes*? Algumas Instituições que têm como missão específica a ação direta junto às juventudes sabem o quanto é importante abrir mão de muitos conceitos e "pré-conceitos" para mergulhar, de verdade, no oceano imenso que são as múltiplas realidades dos(as) jovens de hoje. Ao discorrer sobre "Juventudes e Vida Religiosa: possibilidades de aproximação", Frei Rubens Nunes da Mota, ofmcap, nos chama a atenção para alguns aspectos que podem nos facilitar a missão nesse campo: compreender e distinguir a diversidade juventude/juventudes, buscar novas formas de aproximação com as juventudes, vislumbrar horizontes além do âmbito eclesial e ousar nas ações em parceria formando redes em busca de alternativas que ampliem as relações com as juventudes.

Todas essas provocações são enfrentadas, diariamente, por meio de um recurso da sociedade que veio para facilitar a vida das pessoas, mas pode se transformar num meio de falsificação da VRC no que se refere à sua autenticidade: as novas tecnologias. Sobre isso escreve muito bem a abadessa beneditina Irmã Martha Lúcia Ribeiro Teixeira no artigo

"A Vida Religiosa Contemplativa no mundo da ciência e da tecnologia". Ao abordar o assunto sob a ótica da vida monástica, Irmã Martha descreve os benefícios e desafios dos muitos recursos tecnológicos e nos alerta: "Os meios tecnológicos muitas vezes sufocam a Palavra porque querem suplantá-la, e impedem a experiência do Sopro de Deus".

A grandiosidade do que precisamos mudar por vezes nos apavora e ameaça nossa capacidade de criatividade. Precisamos, na verdade, dar passos pequenos, mas constantes e significativos. Dois desses passos foram dados recentemente pela CRB-Nacional: a realização do III Seminário de Espiritualidade Bíblica e a I Reunião Ampliada de Psicologia, da Equipe de Reflexão Psicológica, ambos os eventos registrados nos Informes.

Desejamos aos(às) leitores(as) que possam renovar as esperanças de que é possível trilhar um caminho renovado pela persistência e ousadia iluminadoras que nos vem da pessoa de Jesus de Nazaré. Embora o itinerário seja permeado de numerosos valores, a nenhum devemos antepor aos que emanam do Evangelho, nossa regra de vida.

Irmã Maria Juçara dos Santos, fdz

Mensagem da Vida Religiosa Consagrada no encerramento da XVII Assembleia Geral da Conferência Latino-Americana e Caribenha

Mensagem final

Celebramos a XVII Assembleia Geral da Conferência Latino-Americana e Caribenha de Religiosos(as), no marco do 50º aniversário da CLAR, em Bogotá, que ocorreu entre os dias 19 e 27 de junho de 2009, com a presença de 83 religiosos(as), representantes de 22 Conferências Nacionais.

O lema escolhido foi "Rumo a uma Vida Religiosa místico-profética que se revitaliza para dar vida", fazendo memória, agradecendo e celebrando a "história de dor e graça, de incertezas e perplexidades, de incompreensões e apoios incondicionais, de indiferença e solidariedade, de suspeitas e admiração, de pecado e vida incomensurável de Deus, de luzes e sombras".[1]

O desenvolvimento se deu em seis momentos integrados: contextualização, iluminação, sonhos, eleição da nova diretoria, celebração da vida e avaliação.

O Congresso de Vida Religiosa e Teologia Latino-Americana, com o lema "Contribuições da Vida Religiosa à Teologia Latino-Americana e do Caribe. Rumo ao futuro", foi o espaço mais significativo de iluminação para os que participamos da Assembleia. Acolhendo o convite que nos faz a ETAP (Equipe Teológica Assessora da Presidência), através do ícone *desde a siro-fenícia* (Mc 7,24-30) *à transfiguração* (Mc 9,2-10), vimos a necessidade permanente de estar à escuta da realidade atual, descobrindo nos acontecimentos novos chamados do Espírito, que nos levam a viver uma fidelidade criativa e uma criatividade fiel. Por isso, com atitu-

1. MADERA, Ignacio. *Carta pelos 50 anos da CLAR.*

des de escuta e diálogo, discernimento, compaixão e compromisso diante dos novos cenários e sujeitos emergentes, fiéis ao Reino e à Palavra, nós, consagrados e consagradas, insistimos na promoção e desenvolvimento de uma Vida em abundância para a América Latina e o Caribe de hoje e de amanhã.

Ao longo da Assembleia, reforçamos a convicção de que Jesus Cristo, presente nos empobrecidos e excluídos, é e continuará sendo a opção da Vida Consagrada da América Latina e do Caribe, por isso nos empenharemos sempre em revitalizar esta opção, visibilizar os novos rostos das vítimas de uma economia *insolidária*, gerar propostas criativas que se convertam no grande desafio da Vida Consagrada.

Sentimo-nos em comunhão com consagrados e consagradas da América Latina e do Caribe. Agradecemos tanta vida entregue gratuitamente, como o perfume que a mulher derramou aos pés de Jesus (Jo 12,3), representados no que significam estes cinquenta anos de vida da CLAR e na homenagem feita aos(às) presidentes e secretários(as)-gerais e tantos consagrados e consagradas que no silêncio cotidiano (nazareno) doaram suas vidas, alguns até o martírio. Convidamos a todos para continuar revitalizando sua entrega a Deus e ao povo. Sentimo-nos agradecidos(as) e interpelados(as) por *novas gerações* de consagrados e consagradas, presentes no Congresso Teológico, e "virtualmente" em nossa Assembleia. Com todos(as) desejamos caminhar rumo a um novo estilo de Vida Consagrada revitalizada, que responda aos novos paradigmas que nos inquietam, para que nossas fraternidades/sororidades sejam mais humanas e humanizantes. Queremos caminhar numa comunhão cada vez mais ampliada, trabalhando em redes, nas quais o diálogo seja uma das atitudes principais.

Nesse sentido agradecemos a mensagem que chegou da Santa Sé, em forma de uma saudação do Papa Bento XVI, assim como a presença do Monsenhor Ignacio Gogorza, sci, representante do Celam; do Padre Eusebio Hernández, oar, representante da CIVC-SVA; representantes da UISG, USG, CRC – Canadá – e Confer – Espanha. Dese-

jamos que esta atitude dialogante e de comunhão continue rumo ao futuro, fortalecendo a intercongregacionalidade com abertura a tudo o que suponha novos desafios: sujeitos emergentes, novos cenários, integridade da criação e tantos desafios que estão esperando novas respostas, como a que provocou em Jesus a mulher siro-fenícia.

Agradecemos a acolhida da Conferencia de Religiosos e Religiosas de Colombia por todas as atenções que dispensaram a todos(as) nós. Temos "uma grande história a construir".[2]

Agradecemos o serviço da presidência da CLAR, oferecido durante os três anos anteriores. Nesta Assembleia se elegeu uma nova presidência com representação da Vida Consagrada Latino-Americana e Caribenha, a quem oferecemos nosso apoio. Queremos seguir caminhando juntos(as) até o ponto de nos tornar uma Vida Consagrada transfigurada, que seja sinal da presença de Jesus em nossa história, no meio de nossos povos.

Que Nossa Senhora da América Latina, a quem nossos povos sentem tão próxima e expressam com tanto fervor sua devoção, acompanhe nosso caminhar e nos dê a audácia necessária para responder às exigências do Reino hoje.

Irmã Ivete Soto, mbp

Padre Carmelo Hernández, ocd

2. *Vita Consecrata*, n. 110.

III Seminário de Espiritualidade Bíblica: "Caminho para a vida em abundância"

O Seminário de Espiritualidade Bíblica (SESBI), nos últimos anos, se tornou uma prática regular da CRB-Nacional, organizado e coordenado pela Equipe de Reflexão Bíblica (ERB). Entre os dias 2 e 7 de junho realizou-se a terceira edição, que, pela segunda vez, ocupou o espaço do Centro de Formação Vicente Canhas, em Luziânia (GO).

Este ano o lema foi "Caminho para a vida em abundância – Se conhecesses o dom de Deus". O mesmo lema é título do subsídio com roteiros para leitura orante, apresentando uma "leitura de João em perspectiva de festa". O livro foi lançado no segundo dia do Seminário, entregue pela presidente da CRB-Nacional, Irmã Márian Ambrosio.

O SESBI contou com trinta participantes procedentes de dezesseis das vinte Regionais da CRB: Belém, Brasília, Belo Horizonte, Campo Grande, Cuiabá, Curitiba, Florianópolis, Goiânia, Manaus, Porto Velho, Rio de Janeiro, Salvador, São Luís, São Paulo,Teresina e Recife.

A abertura ocorreu às 19h45 do dia 2, num clima de descontração e alegria. Irmã Dayse D'Arce, membro da Diretoria Nacional da CRB, fez a acolhida saudando a ERB e motivando a todos para uma participação intensa nos dias do Seminário. Irmã Rejane Paiva apresentou o banner temático motivando para uma contemplação dos cenários aí representados. Coube ao Frei Moacir Casagrande apresentar a metodologia que orientaria o desenvolvimento dos trabalhos. As participantes foram organizadas em pequenas comunidades identificadas com os nomes dos cenários apresentados no livro: Festa na Vida, Festa da Libertação, Festa

da Fartura, Festa da Caminhada e Festa que Permanece. Cada dia foi dedicado a um cenário, que, por sua vez, tinha o desenvolvimento permeado de momentos de leitura orante nas pequenas comunidades, socialização em plenário, momentos celebrativos e motivações dos integrantes da ERB.

O resultado do III SESBI deve ser o repasse que os participantes se comprometeram a fazer nas Regionais e nos próprios Institutos. Essa modalidade facilitará a multiplicação do conteúdo aplicado, dinamizando nos quatro cantos do Brasil o exercício da leitura orante como alimentadora da espiritualidade bíblica nas comunidades religiosas.

I Reunião Ampliada de Psicologia. Equipe de Reflexão Psicológica mobiliza integração com Regionais

Desde 1987, a Equipe de Reflexão Psicológica (ERP) vem desempenhando uma missão de grande relevância na dinâmica de animação da VRC a que se propõe a CRB-Nacional. Criada para assessorar a CRB, oferecendo suporte e reflexões na área humana, a ERP vem solidificando sua atuação através da implementação de modalidades que envolvam todas as Regionais. O Congresso de Psicologia já se tornou uma prática sacramentada e tem assumido caráter internacional. Uma das mais recentes e maiores preocupações começa a ter delineada uma linha da ação, de modo a concretizar um desejo da ERP-Nacional e uma solicitação dos Grupos de Reflexão Psicológica (GRPs) das Regionais: interagir com as Regionais.

O primeiro passo nesse processo foi dado nos dias 7 e 8 de junho, com a realização da I Reunião Ampliada de Psicologia. Das vinte Regionais, doze se fizeram presentes: Belo Horizonte, Brasília, Campo Grande, Cuiabá, Fortaleza, Goiânia, Manaus, Porto Alegre, Recife, São Luís, São Paulo e Rio de Janeiro. O objetivo foi "analisar as realidades locais, as necessidades, e prever formas de contribuição para que a VR nas Regionais possa responder à sua missão".

O grupo, que considerou a iniciativa positiva, fez uma leitura das conquistas alcançadas, retomou os desafios encontrados e discutiu várias propostas de ação. A I Reunião proporcionou abertura, favoreceu espaço para escuta e deu início a um processo de maior intercâmbio entre a equipe Nacional e as equipes Regionais.

Vida Religiosa e Teologia – CLAR 50 anos

Israel José Nery, fsc*

Registro histórico

Para encerrar as celebrações dos cinquenta anos da Confederação Latino-Americana de Religiosas e Religiosos (CLAR), fundada em 1959,[1] aconteceu, com 870 participantes, o Congresso "Vida Religiosa e Teologia Latino-Americana". O evento, preparado com esmero e realizado com sucesso no Colégio Agostiniano de Bogotá, de 20 a 22 de junho de 2009, teve como tema "Contribuições da Vida Religiosa à Teologia Latino-Americana e do Caribe. Rumo ao Futuro". O Congresso abriu também a XVII Assembleia Geral da CLAR, que incluiu, em sua pauta, a eleição da nova Diretoria.

Importantes nomes de religiosos(as), dedicados(as) à produção teológica, constituíram um forte grupo de assessoria, com palestras, para todos, no grande auditório e, também, para grupos, nas 20 mesas temáticas, distribuídas em locais diferentes. O processo participativo, as celebrações eucarísticas, as confraternizações, as apresentações artísticas de danças e cantos, os estandes de livrarias e um excelente serviço de infraestrutura tanto da CLAR quanto da Conferencia de Religiosos de Colombia (CRC) e do próprio Colégio Santo Agostinho ajudaram na qualidade do Congresso.

Quatro referenciais guiaram as atividades do Congresso da CLAR: a) um olhar para a vida concreta das religiosas e dos religiosos na realidade da América Latina e do Caribe, com apoio nos relatos de experiências apresentados pelos conferencistas, especialmente nas mesas temáticas e na re-

* **Irmão Israel José Nery**, é membro do Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs (La Salle), escritor (53 livros), conferencista, professor. Foi assessor da CNBB, superior provincial lassalista (1988-2003) e vice-presidente da CLAR de 1988 a 1991. Atualmente, é secretário provincial, integra o Grupo de Reflexão de Catequese da CNBB (Grecat), e é presidente da Sociedade de Catequetas Latino-Americanos (Scala). **Endereço do autor:** R. Santo Alexandre, 93, Vila Guilhermina, 03542-100, São Paulo-SP. E-mail: irmaonery@gmail.com.

1. A CLAR foi canonicamente estabelecida no dia 2 de março de 1959, pela Sagrada Congregação dos

cordação dos que deram a vida pelo Reino, particularmente de modo martirial, ao longo dos últimos cinquenta anos; b) um olhar ao passado, para levantar as principais contribuições da Vida Religiosa à Teologia Latino-Americana; c) um olhar celebrativo, de louvor e de gratidão, pelos cinquenta anos da CLAR, tematizado nas celebrações, confraternizações e homenagens aos presidentes e secretários que estiveram à frente deste organismo eclesial; d) um olhar para o futuro, sobretudo quanto à contribuição teológica da Vida Religiosa à Igreja e à sociedade da América Latina e à Teologia Latino-Americana nos próximos anos.

Este artigo se limita a alguns aspectos do Congresso, privilegiando o tema escolhido para os três dias. A CLAR publicou num volumoso livro com as conferências.[2]

Ver, ouvir, sensibilizar e agir

O Concílio Vaticano II (1962-1965), mais pelo clima pentecostal renovador do que por seus documentos, que nem sempre chegaram às bases, e a II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, celebrada em Medellín, Colômbia (1968), tiveram especial acolhida por parte da Vida Religiosa, sobretudo pelas religiosas. Esses dois grandes acontecimentos eclesiais do século XX constituem um divisor de águas na história da Igreja, com particular incidência no modo de religiosas e religiosos relerem os fundamentos do estilo de vida que abraçaram e, especialmente, a sua expressão prática no dia a dia de cada um(a), da comunidade, da inserção na comunidade eclesial e da dedicação à missão.[3]

A partir do Concílio, foi sendo desmontada uma determinada hermenêutica do seguimento radical de Jesus Cristo, que havia levado a Vida Religiosa à *fuga mundi*, visibilizada especialmente pelo hábito religioso, pelos muros do convento, pela guerra à corporeidade, ao afetivo e ao contato com as "coisas mundanas", e pelo orgulho de estar no "estado de perfeição". Uma nova hermenêutica começa a ter espaço na Igreja e toma conta da Vida Religiosa. Ela parte

Religiosos, com a missão de promover a Vida Religiosa na América Latina em colaboração com a Conferência do Episcopado Latino-Americano (Celam). Cf. Historia de un servicio. *Nuevo Mundo* 116 (marzo-abril 1984) 126.

2. CLAR, *Memorias del Congreso 50 años CLAR* – Aportes de La Vida Religiosa a La Teología Latinoamericana y del Caribe. Hacia el Futuro. Bogotá: Ed. CLAR, 2009. A revista Convergência de janeiro/fevereiro 2010 publicará as seis conferências principais deste Congresso.

3. KIESLER, John. *Signs and Instruments of Liberation* – The Conference of Latin American Religious (CLAR) and a Contextual Theology of Religious Life from 1966 until 1991 – KTC – Koch Kampen – Nijmegen, Netherland.

de Jesus Cristo, encarnado num estado de pobreza, que vive pobre e em função da libertação dos pobres, primeiramente de suas necessidades mais elementares e, também, de suas misérias espirituais. Deste Jesus que morre como criminoso máximo, portanto totalmente excluído.

Essa nova hermenêutica revolucionou a compreensão do seguimento radical de Jesus e do modo de vivê-lo na Vida Religiosa, exigindo a coerência entre fé e vida. E, então, um grande contingente de religiosas e religiosos, ouvindo a voz de Deus no clamor dos pobres, vendo-os e com eles convivendo e trabalhando, se sensibilizou com eles e com a sorte deles, sendo levado à prática da opção preferencial pelos pobres, sugerida por João XXIII e assumida por Medellín como essencial para a autenticidade da vida cristã.

As incompreensões foram muitas e muitos religiosos e religiosas sofreram, internamente na Igreja e em suas Congregações e Ordens, críticas, reprimendas, suspensões, silêncios obsequiosos. E houve também perseguições, torturas psicológicas e constantes ameaças de morte. Vários religiosos e religiosas, por causa da sua efetiva opção pelos pobres, foram assassinados e hoje integram o martirológio da Igreja na América Latina.

Tal opção radical de vida por Jesus Cristo, nas muitas situações em que vivem os empobrecidos, transformou não apenas a vida pessoal, comunitária e missionária de muitos religiosos, mas também de diversas Congregações religiosas. E essas mudanças foram oradas, dialogadas, refletidas e colocadas por escrito, gerando um novo modo de teologar, fazendo, portanto, com que também a Teologia da Vida Consagrada passasse por uma grande transformação. Teólogas e teólogos colocaram seu saber acadêmico em sintonia com a nova experiência de viver a Vida Religiosa entre os empobrecidos e a serviço desta promissora caminhada. A embrionária Teologia da Libertação, tematizada na tese de Gustavo Gutiérrez em 1968, teve acolhida em Medellín e a partir daí foi penetrando todas as áreas da Teologia, particularmente a cristologia, a eclesiologia e a hermenêutica bíblica, favorecida com a leitura orante da Palavra de Deus.

Uma nova metodologia e uma nova Teologia

A obediência renovadora de pessoas e grupos, como, por exemplo, alguns bispos e presbíteros, alguns teólogos e teólogas, comunidades eclesiais de base, Vida Religiosa Inserida, pastorais sociais, catequistas etc., resgatou e adaptou o princípio metodológico da Ação Católica da primeira metade do século XX: ver, julgar e agir. Com isso a Teologia passou a ter como ponto de partida as situações reais do povo, preferentemente dos mais pobres e excluídos da sociedade, a realidade e o contexto social, econômico, político, cultural e religioso em que vivem, de seus sonhos e de seus gestos de solidariedade.

A conexão e mesmo identificação com os profetas, com o ideal de vivência cristã dos primeiros cristãos, enfim, com a caminhada libertadora de Deus ao longo da história, manifestada com perfeição em Jesus Cristo, portanto na clara preferência pelos pobres, pelas viúvas, pelos estrangeiros, pelos sofredores de todos os tipos e pelos excluídos da sociedade e da religião, foi imediata. A provocação da realidade dos pobres, na ótica da fé e, particularmente, da cristologia, abriu teólogos e teólogas para um princípio fundamental da fé cristã: a autêntica cristologia traz em si mesma a opção preferencial pelos pobres, pois Jesus nasceu pobre, foi pobre, viveu e atuou entre eles, e anunciou a todos os homens e mulheres o Reino de Deus a partir da ótica dos pobres. Este princípio bíblico e cristológico da opção preferencial pelos pobres passou a ser um dos critérios centrais do modo de fazer Teologia na América Latina. E, sem dúvida, as religiosas e os religiosos, em sua práxis, em sua reflexão e em suas produções, contribuíram significativamente não apenas para uma renovada Teologia da Vida Religiosa, mas também para uma teologia cristã com identidade latino-americana e caribenha. A CLAR, em seus cinquenta anos de vida, tem exercido em nosso continente um papel determinante no incentivo e na divulgação dessa Teologia em seus boletins, em sua revista, nos livros que publica, nos cursos, retiros, assembleias e eventos mobilizadores que promove e lidera.

Na década de 1980 explodiu, a partir de algumas autoridades eclesiásticas, uma tensão com a Teologia da Libertação e com a CLAR, que, porém, havia sido iniciada uns dez anos antes, por causa do envolvimento cada vez maior de religiosas e religiosos com as questões sociais e do recurso à Sociologia como uma nova *ancila theologiae*, além da Filosofia, ou melhor, parceira para a reflexão teológica no continente.[4] Constantes embates de autoridades eclesiásticas, com o objetivo de frear e, mais do que isso, eliminar a Teologia da Libertação, foram se sucedendo.[5] E alguns dos expoentes dessa corrente teológica receberam admonições, "silêncios obsequiosos" e proibições de escrever, lecionar, dar conferências e ministrar cursos. A Congregação da Doutrina da Fé, em 1984 e 1986, publicou dois documentos para fazer um balanço da situação e colocar alguns limites.[6] A Diretoria da CLAR sofreu intervenção da Sé Apostólica (com um secretário em 1989, um bispo e proibição de eleições em 1991, tendo uma diretoria nomeada pelo Vaticano até 1994). O ponto de partida foi uma intervenção de Dom Alfonso Lopez Trujillo, arcebispo de Medellín, endossada pela Diretoria do Celam (Conselho Episcopal Latino-Americano), condenando o Projeto "Palabra Vida", uma proposta da CLAR para a leitura orante da Palavra de Deus, pelas religiosas e pelos religiosos do continente, em preparação à celebração do quinto centenário da evangelização do Caribe e da América Latina em 1992.[7]

Por sua vez, a IV Conferência dos Bispos da América Latina e do Caribe, celebrada em Santo Domingo, República Dominicana, em outubro de 1992, sofreu também uma intervenção vaticana, não apenas quanto à nomeação de seus dirigentes, mas sobretudo quanto à proibição de produzir um documento e fazer qualquer referência à Teologia da Libertação em sua reflexão doutrinal e pastoral. A tensão continuou e, em 2007, a CLAR sofreu um duro golpe com a admoestação ao Padre Jon Sobrino, teólogo de El Salvador. Entretanto, essa tensão entrou em significativa mudança após a V Conferência dos Bispos da América Latina e do Caribe, celebrada em Aparecida. O conflito durante aquela

4. Dois textos de clara opção pela Teologia da Libertação, para as Assembleias Gerais da CLAR de 1969 e de 1973, deram início a um histórico conflito entre diversas autoridades eclesiásticas e a direção da CLAR. Um dos textos – "Vida Religiosa e compromisso político" – teve como redatores grandes teólogos e sociólogos, tais como: Enrique Dussel, P. Fontaine, J. B. Libanio, L. Gera, R. Muñoz, Cecílio de Lora, Gustavo Gutiérrez, R. Poblete. O outro – "Pobreza e Vida Religiosa na América Latina" – foi elaborado por G. Arroyo, R. Muñoz, Noé Zevallos e R. Poblete.

5. "CLAR, after 1972, finds itself facing a Celam leaderships, which has sympathy neither for Liberation Theology nor CLAR's support of it." In: KIESLER, *Signs and Instruments of Liberation*, p. 42.

6. Sagrada Congregação para a

Conferência e logo após a publicação do *Documento*, sem dúvida, foi grande. Mas, mesmo com as manipulações que recebeu para minimizar ainda mais a influência da Teologia da América Latina e as comunidades eclesiais de base, o *Documento* não apenas apoia tal Teologia, mas coloca um ponto final quanto ao critério mais original da referida Teologia, a opção preferencial pelos pobres, por causa do apoio sem subterfúgios do Papa Bento XVI em seu discurso de abertura da referida Conferência, assumido pela mesma: nossa fé proclama que Jesus Cristo é "rosto humano de Deus e rosto divino do homem" (*Ecclesia in America*, n. 67). Por isso a "opção preferencial pelos pobres está implícita na fé cristológica naquele Deus que se fez pobre por nós, para enriquecer-nos com a sua pobreza (cf. 2Cor 8,9)" (*Discurso Inaugural*, n. 3). Essa opção nasce da fé em Jesus Cristo, o Deus feito homem que se fez nosso irmão (cf. Hb 2,11-12).

Os conflitos eclesiásticos com relação aos fiéis que optaram e colocaram em prática, não só em pequenos universos de grupo, mas também em grandes mobilizações sociais, exigindo justiça, portanto libertação e promoção dos empobrecidos e perseguidos políticos, tiveram apoio de autoridades civis e militares, que das ameaças foram para a ação, prendendo, torturando e matando um enorme contingente de leigas, leigos, religiosas, religiosos, presbíteros e alguns bispos em todo o continente. Nada disso, porém, fez calar a voz do povo consciente, que em grandes manifestações no ano de 1986 declarava que a Teologia da Libertação não era dos teólogos, teólogas e agentes de pastoral perseguidos, mas dele, do Povo de Deus, sofrido, incompreendido, mantido na subordinação e na injustiça. As lideranças teológicas haviam realizado um feito histórico único, isto é, o povo se apoderava da Teologia, considerando-a sua e como um forte apoio a seu modo de viver a fé e transformá-la em ato na sua missão de evangelizar a sociedade, a economia, a política e a cultura. Junto com artigos, cursos e livros, em toda a América Latina e no Caribe se multiplicaram aos milhares e aos milhões cartilhas, novenas, celebrações e roteiros para círculos bíblicos e para celebrações da Palavra,

Doutrina da Fé: *Instrução sobre alguns aspectos da Teologia da Libertação*. São Paulo: Paulinas, 1984. *Instrução sobre a liberdade cristã e a libertação*. São Paulo: Paulinas, 1986.

7. CLAR. *Proyecto Palabra Vida*. Bogotá: Secretariado CLAR, 1988. (Coleção "Tua Palavra é Vida", n. 1.) *A leitura orante da Bíblia*. Rio de Janeiro/São Paulo: Publicações da CRB/Loyola, 1990. Depois da nomeação de um secretário interventor na Diretoria da CLAR em 1989, a Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB) assumiu o Projeto e publicou a coleção, ao longo de dez anos, em oito tomos, publicados por Ed. Loyola e traduzidos em diversas línguas.

bem como canções, vídeos, programas de rádio e de TV, e a perseverança da CEBs alimentava continuamente o esforço da interação fé/vida dos fiéis.

Uma iniciativa de transcendental impacto histórico é, sem dúvida, o Fórum Social Mundial (FSM). A participação de agentes de pastoral, de religiosas e religiosos, de teólogos e teólogas no nascimento e na dinamização deste Fórum, que conclama os pobres a uma grande rede de solidariedade mundial a favor de "um outro mundo possível", demonstra o alto grau de consciência cristã libertadora a que a Teologia da Libertação levou e continua levando os fiéis católicos e, também, fiéis de outras Igrejas e religiões, além de pessoas de alta vivência ética.

Alguns aspectos destacados pelo Congresso da CLAR

Os 25 teólogos que assessoraram o Congresso, cujos textos foram publicados no tomo *Memorias del Congreso CLAR 50 años*, com mais alguns textos de outros que não puderam comparecer ao evento, explicitam as principais contribuições da Vida Religiosa à Teologia Latino-Americana e à própria Vida Religiosa nestes últimos cinquenta anos e apontam alguns caminhos rumo ao futuro para tal reflexão teológica. Ouso resumir em alguns poucos parágrafos, por isso mesmo de modo muito incipiente, tamanha riqueza, no tocante às contribuições dadas pela Teologia da Vida Religiosa.

1. O ponto de partida e de referência indispensável, e que marca profundamente a identidade da Teologia Latino-Americana, isto é, a *opção preferencial pelos pobres*, recebeu, sem dúvida, uma rica, aprofundada, abrangente e constante contribuição por parte da produção dos teólogos religiosos e também da prática desta opção por um não pequeno número de religiosas e religiosos, inseridos, encarnados e inculturados no meio dos pobres.

Esta opção de vida e de reflexão teológica é simplesmente uma coerência com a fé no Filho de Deus encarnado que se esvaziou de sua igualdade com Deus e se fez homem,

escravo em total pobreza, numa entrega plena de amor que o levou a enfrentar como sacrifício redentor a morte, e morte de cruz. Por isso Deus o exaltou sobremaneira (cf. Fl 2,6-11). Esta fidelidade radical a Jesus faz que a religiosa e o religioso assumam o projeto messiânico que Jesus proclamou na Sinagoga de Nazaré, no qual sua missão se endereça prioritariamente aos pobres (cf. Lc 4,18-19) e, em coerência, a reconhecê-lo e servi-lo nos mais pequeninos e sofredores, com os quais Jesus mesmo quis e quer se identificar ao longo da história, como ele o revelou na parábola do juízo final em Mt 25,31-46.

2. A *cristologia* elaborada a partir da periferia, dos empobrecidos e dos sofredores deste mundo resgatou o Jesus histórico, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, que optou, com o Pai e com o Espírito Santo, por nascer, viver, pregar e morrer como um pobre no meio dos pobres e, assim, realizar a verdadeira salvação, que inclui a libertação já aqui na terra das situações que não respeitam a dignidade e os direitos humanos. Sem a opção preferencial pelos pobres não teria havido uma tão profunda revisão e releitura da Teologia e, consequentemente, da eclesiologia, da Sagrada Escritura, da liturgia, da missão e da própria Vida Consagrada.

3. A *Santíssima Trindade* – Pai e Filho e Espírito Santo – já possui no Cristianismo popular da América Latina uma hermenêutica própria. É considerada mais a partir da vida, da criação, da dignidade humana, da liberdade, do amor e da justiça do que a partir de conceitos racionais, filosóficos e teológicos. De fato, a consciência ativa dos fiéis em relação aos pobres, à situação social de pobreza, exclusão e injustiça social faz o povo ver Deus na ótica da misericórdia, da união, da fraternidade, da ira contra o mal e contra os fazedores do mal. Faz ver Deus como aquele que impulsiona e dinamiza para a luta por uma salvação integral, portanto que inclui a salvação já aqui na terra de todo tipo de opressão e escravidão. Ao fazerem o caminho de inserção no meio do povo, os teólogos tiveram de redimensionar a tradicional hermenêutica da Bíblia, da Tradição, do Magistério e da vida dos santos. Descobriram que a hermenêuti-

ca vivida pelo Cristianismo popular estava e está mais em consonância com o jeito semita de ler na realidade e nos acontecimentos a revelação divina e o Plano de Deus para a humanidade. Surgiram, portanto, da base, novos enfoques do tratado da Trindade e de cada uma das pessoas que a conformam, constituindo, assim, uma riqueza imensa para a Teologia, a eclesiologia e a espiritualidade.

4. A *eclesiologia*, fundamentada na comunidade apostólica de Jesus, nas primeiras comunidades, segundo a narrativa dos Atos dos Apóstolos, no Concílio Vaticano II e em Medellín, além de no Cristianismo popular, teve uma reviravolta nos últimos cinquenta anos da história da Igreja. De piramidal, a partir do poder sagrado concentrado na hierarquia e num modelo organizacional monárquico, a Igreja tentou, primeiramente, o modelo circular da comunhão e participação, para depois chegar ao modelo vigente em forma elíptica, de uma Igreja que alterna, confunde, vive simultaneamente e de modo ambíguo o modelo piramidal e circular, em constante conflito entre o ideal, marcado pela proposta do Evangelho, e a prática, marcada pelas limitações humanas pessoais e grupais. Sem dúvida, a América Latina, a partir das comunidades eclesiais de base, tem um dos melhores modelos de eclesiologia, que, por isso mesmo, sofre constantes incompreensões e tentativas de extinção em favor de modelos tradicionais marcados pelo poder da hierarquia, portanto eclesiologia de comunhão como obediência aos pastores e de controle da produção do pensamento e da realização de experiências na fidelidade a Jesus Cristo e ao que Deus mostra através dos sinais dos tempos.[8] A proposta da eclesiologia a partir da América Latina não vai contra a hierarquia, mas ajuda-a a redescobrir sua missão a partir do lava-pés, portanto do poder serviço e não do *status* de pseudonobreza do clericalismo, logo na humildade de quem é chamado ao ministério hierárquico no sentido original de "estar a serviço", como "menor e servidor".

Ao propugnar, com Puebla (1979), pela verdadeira eclesiologia de comunhão do Concílio Vaticano II, a Teologia e o Magistério da Igreja latino-americana acrescenta-

8. Ver quanto a isso a guinada na interpretação da "eclesiologia de comunhão" da *Lumen Gentium*, realizada pelo Sínodo Extraordinário de 1985, destinado a fazer um balanço dos vinte anos pós-Concílio Vaticano II.

ram a necessidade de participação de todos os membros da Igreja para fazer acontecer a comunhão. E, evidentemente, segundo essa eclesiologia, não acontecerá comunhão se a comunidade eclesial não fizer de tudo para que irmãos e irmãs empobrecidos e excluídos consigam ser incluídos e promovidos. O ideal é obedecer à recomendação de João XXIII para que um dia os pobres sejam os protagonistas na Igreja, e que ela seja, de fato, a Igreja dos pobres. À luz dessa eclesiologia, evidentemente, a missão e todas as iniciativas, organizações e estruturas pastorais precisam ser convertidas. Tal ousadia de reforma das estruturas da Igreja só veio a receber apoio do Magistério na V Conferência dos Bispos da América Latina e do Caribe, em Aparecida, em 2007.

5. A *mariologia* é outra área da Teologia que recebeu um novo tratamento na Teologia Latino-Americana a partir da ótica dos empobrecidos e da maneira como a devoção popular interpreta a vida e a missão da mãe do Senhor Jesus, recorre a ela e tenta imitá-la em sua obediência a Deus e em sua generosa colaboração com o plano da salvação. Impacto forte teve na Teologia esta devoção popular, mas, sobretudo, a situação de opressão em que vive a mulher há séculos e que o próprio Cristianismo, sob o domínio machista, corrobora. O clamor dos pobres acontece também no clamor das mulheres por dignidade, respeito, libertação e promoção, inclusive no seio da Igreja. Uma renovação da Antropologia a partir da questão de gênero vem revolucionando a reflexão sobre a pessoa de Maria e seu papel na história da salvação. Nesta revisão da figura de Maria na Teologia Latino-Americana, recebe o influxo tanto de teólogas como de teólogos.[9] Por outro lado, a reflexão da Teologia da Libertação, debulhada no meio do povo por meio de tantos instrumentos acessíveis, vem corroborando a devoção popular com importantes apoios bíblicos, antropológicos e sociológicos e com as orientações do Magistério da Igreja.

6. A opção preferencial pelos pobres influenciou decisivamente a *hermenêutica bíblica na América Latina*. Com isso a história da salvação passou a ser lida a partir da opção concreta de Deus pelos pequenos, pobres e excluídos so-

9. Para este tema, ver especialmente: GEBARA, Ivone; BINGEMER, Maria Clara. *Maria, mãe de Deus e mãe dos pobres*. Petrópolis: Vozes, 1987. (Coleção Teologia da Libertação, série IV, n. 13.). BOFF, Clodovis. *Mariologia social;* o significado da Virgem para a sociedade. São Paulo: Paulus, 2006. 728p.

ciais, a começar pelo insignificante aglomerado de nômades, os "habirus", que geraram, depois, com a escolha de Abraão, feita pelo próprio Deus, como aglutinador e origem do Povo de Deus e pai da fé. Ao longo da coleção de livros sagrados dos judeus, a Bíblia, a atenção prioritária aos pobres, às viúvas, ao estrangeiro e a insistência pela justiça social se tornaram temas constantes. E a libertação, pelo braço poderoso de Deus e pela liderança de seu servo Moisés, da escravidão a que estava submetido o povo hebreu no Egito se transformou no ato fundacional maior desse povo na história. Os profetas, aqueles que falam em nome de Deus para insistir na fidelidade à aliança de amor entre Deus e o povo, passaram a ser vistos, a partir da verdade de suas vidas e pregações, como os maiores defensores dos pobres e da justiça no Antigo Testamento.

7. *A Teologia da Vida Religiosa.* Evidentemente, a partir do novo modo de fazer Teologia, a vida, pregação e missão de Jesus Cristo recebeu, como já aludimos, um novo olhar da Teologia e, consequentemente, influenciou profundamente a própria Vida Religiosa, que, na América Latina, em sua volta às fontes, se centrou em Jesus Cristo e passou a se pautar pelas sete características explicitadas de maneira original e única por ele em sua consagração filial ao Pai, na força do Espírito, já que viveu radicalmente pobre, casto, obediente, orante, comunitário, missionário e inserido no meio do povo. E essas características do Filho de Deus, em situação kenótica, deram à Vida Religiosa um rosto de identidade latino-americana inconfundível e, ao mesmo tempo, fascinante e perigoso, pois esse estilo de Vida Religiosa se tornou para a própria Igreja e para a sociedade uma especial memória perigosa de Jesus Cristo Libertador.

À luz de toda essa força renovadora, a Teologia dos votos religiosos teve de ser revista. Seu referencial e modelo foram e continuam sendo: o próprio estilo de vida levada por Jesus; os que deram origem, nos séculos III e IV, à Vida Religiosa (virgens consagradas, eremitas, cenobitas e monges); as origens das diversas Ordens e Congregações religiosas; o clamor dos pobres, sofredores e excluídos de hoje.

A CLAR exerceu uma histórica liderança na reflexão e produção teológica que ajudaram uma transição entre um modelo de Vida Religiosa marcadamente tradicional e europeia para um modelo com identidade e originalidade latino-americana. A revista *Convergência* de junho de 2009 publicou um importante artigo de Padre Victor Codina, sj, que merece ser lido não apenas pela feliz síntese da contribuição da CLAR à Teologia da Vida Consagrada, mas como um elenco de dados-chave, que o autor denomina "decálogo teológico-religioso da CLAR", oportunos para a avaliação de cada religioso(a), de cada Congregação hoje.[10]

E o futuro?

O Congresso Teológico 50 anos da CLAR resgatou as riquezas das contribuições da CLAR à Teologia Latino-Americana em vista de iluminar o hoje da Vida Religiosa a partir de suas conquistas, mas também dos ensinamentos que tira de suas deficiências, e com o objetivo de apresentar perspectivas e sugestões para um futuro promissor para a própria CLAR, para a Vida Consagrada, para a Igreja e para a sociedade. Nos limites deste espaço resumo em poucos parágrafos alguns desafios que aguçam o fazer Teologia agora e nos próximos anos.

1. *As religiosas e a Teologia.* O Congresso da CLAR foi um grande incentivo às religiosas para que, em maior número, estudem Teologia, pois o olhar teológico feminino e a opção que vivem sua consagração e votos, a vida em fraternidade e a missão têm contribuições específicas e insubstituíveis para a Teologia da Vida Consagrada e também para a Teologia Latino-Americana.

2. *A política e a economia.* A opção pelos pobres continua prioritária para a Vida Consagrada, portanto a reflexão teológica deve continuar fortemente trabalhando sobre as realidades que tornam cada vez mais um inferno a vida do povo, tais como a estrutura de poder, governada pela política e pela economia de mercado, com suas repercussões diretas no emprego, na educação, na saúde, no transporte,

10. CODINA, Victor. 50 anos da Conferência Latino-Americana de Religiosos (CLAR). Uma reflexão teológica. Revista *Convergência*, Brasília: Ed. CRB, ano XLIV, n. 422, p. 364-373, jun. 2009.

no meio ambiente, na liberdade de ir e vir etc. Novos tipos de pobreza surgiram nos últimos anos. O *Documento de Aparecida* reflete e dá orientações pastorais em relação a eles nos números 407-430. Religiosas e religiosos encarnados em situação de pobreza e de miséria ouvem todos os dias o clamor dos pobres que creem e esperam contra toda desesperança um "outro mundo possível", mais justo, solidário, de paz e justiça, portanto muito diferente do atual, no qual lutam para sobreviver com um mínimo de dignidade. Há novos enfoques desta luta libertadora que religiosas e religiosos enfrentam com o povo e que precisam de um suporte bíblico, teológico e espiritual.

3. *A grave questão ecológica.* A degradação do meio ambiente, sem precedentes na história e comprovadamente obra da ambição humana, está causando desastres ecológicos de grandes proporções, que fazem ter uma visão pessimista sobre o futuro da humanidade e do mesmo planeta Terra. Os cientistas não se cansam de alertar, mas lideranças mundiais e empresários inescrupulosos pouco levam em conta os alertas. Ora, os maiores e piores efeitos da crise ecológica recaem, evidentemente, sobre os mais pobres. A Teologia tem uma palavra a dizer, a partir da Bíblia e do clamor dos pobres, mas agora também do clamor da Terra, que clama por libertação de uma escravidão decidida pelo ser humano, conforme escreve São Paulo (cf. Rm 8,18-22). Sobre o tema escreveu o Padre Ignácio Madera, sds: "Os gritos da Terra se unem aos gritos dos pobres para, a partir de uma mesma sinfonia místico-profética, lutar por novas articulações entre natureza e progresso, entre desenvolvimento e cuidado com o meio ambiente".[11]

4. Nos últimos cinquenta anos da história, sobretudo hoje, com sinais de continuação ainda mais acelerada no futuro, assistimos à e fazemos parte da maior *revolução científica e tecnológica* da história. As novas gerações já nascem mergulhadas num mundo totalmente tomado pela tecnologia de última geração e pela exasperação das buscas científicas. À Teologia cabe fazer, à luz da fé, seus questionamentos, reflexões, encaminhar pistas, especialmente quanto à inci-

11. MADERA, Ignácio. Ante la densidad del futuro. In: CLAR. *Memorias del Congresso 50 años de la CLAR*, p. 23.

dência de toda esta maravilhosa conquista humana sobre a manutenção e multiplicação da pobreza. Há, também, incidências diretas sobre a vida, sobretudo a partir da Genética e da Biotecnologia, que atingem em cheio a ética, a moral, a dignidade humana, o próprio sentido da vida. Religiosos e religiosas, bem preparados(as), podem não apenas contribuir para os caminhos da ciência e da tecnologia, mas também para políticas públicas que coloquem em primeiro lugar os direitos humanos, a dignidade humana, o sentido da vida e da história.

5. A *comunicação moderna* é um campo que não tem como escapar da missão da Teologia. Sua complexidade maravilhosa é de uma riqueza impressionante e muito ainda está por vir. A partir das comunicações modernas surge uma nova maneira de nos relacionarmos uns com os outros e com o mundo. As crianças e os jovens são os que mais diretamente são marcados pelos meios de comunicação de massa, que veiculam em total liberdade o que lhes der mais audiência, o que costumeiramente incide sobre situações fundamentadas nos sete vícios capitais. Sem dúvida que esse bombardeio constante, por meio de notícias, filmes, canções, teatros, revistas, jornais etc., de situações nas quais a ética, a moral, as deturpações afetivas e sexuais, o desrespeito aos direitos humanos, à dignidade humana têm prioridade, vai criando uma segunda natureza na formação da personalidade das novas gerações, isto é, considerar como natural e normal corromper, ser infiel no amor, roubar, manipular, deturpar a história e a religião, violar, traficar drogas, armas e pessoas, matar... Ora, colocar a maravilha da comunicação moderna a serviço da vida, do amor, da justiça, da cultura, do sadio entretenimento, da solidariedade e da paz, principalmente em benefício do povo, é dever que nos vem, a nós cristãos, do Batismo e da missão de construir o Reino de Deus na história. A Teologia e a Vida Religiosa encontram aqui um grande campo de trabalho, que é ao mesmo tempo um grande desafio e motor para a sua missão e a sua criatividade.

6. Num mundo em que a cada dia *a ética e a moral* são ignoradas em função da corrupção, em todas as suas modalidades, sem dúvida somos chamados, como cristãos e como religiosos, a um profetismo tão provocador e perigoso como o da luta da opção pelos pobres. De fato, batalhar pela ética e pela moral hoje é enfrentar leões enraivecidos e dispostos a nos estraçalhar. Jeremias passou por esta experiência porque incomodava com sua mensagem, que atingia em cheio a consciência pervertida de seus adversários. Eles diziam: "Vamos armar um plano contra Jeremias. Não nos há de faltar a instrução do sacerdote, nem o conselho do sábio, nem a palavra do profeta. [...] (Jr 18,18).

Já não seremos acusados apenas de marxistas por causa da luta pela libertação do pobre e da luta por uma sociedade justa e solidária, que desestrutura o rico e explorador, que reorganiza uma sociedade montada numa pequena porcentagem de ricos que exploram a imensa massa de trabalhadores e de pobres, mas também de retrógrados, antiquados, conservadores, por batalharmos por valores perenes da humanidade, sem os quais o *humanum* não consegue ficar de pé nem progredir. A Teologia da Libertação colocou ênfase na ética da libertação, na moral social libertadora. Diversos campos precisam ser trabalhados ainda e são urgentes para o bem das pessoas, todas elas, mormente dos mais pobres: a subjetividade, os sentimentos e emoções, a relacionalidade humana, a sexualidade, as novas opções sexuais, a questão de gênero, as novas pobrezas e as conquistas tecnológicas e científicas são alguns dos campos a ser contemplados pela Teologia Latino-Americana.

Conclusão inconclusa

Há muito a dizer ainda sobre a riqueza e o alcance do Congresso dos cinquenta anos da CLAR. Este artigo é apenas um balbucio. Faço votos que ele pelo menos desperte o interesse de muitos(as) religiosos(as) sobre tão importante tema, "Contribuições da Vida Religiosa à Teologia Latino-Americana. Rumo ao Futuro", com seu subtema "Uma

Vida Religiosa Místico-Profética a Serviço da Vida". O desafio maior, porém, está em nossa constante conversão para que nossa vida de consagrados, em fraternidade, para a missão libertadora, seja fonte alimentadora do que teólogas e teólogos venham a escrever, dando carne e sangue à construção teológica e, ao mesmo tempo, alimentando nosso dia a dia na entrega plena que fazemos ao amor absoluto de Deus e à missão que ele nos confia para sermos sacramentos desse seu amor junto a todas as pessoas e em todas as situações, mas, privilegiadamente, nas situações de pobreza e junto aos pobres e excluídos da sociedade e da Igreja.

Ou a Vida Religiosa assume realmente sua vocação e missão místico-profética a serviço da vida e do Reino de Deus, como rosto materno, misericordioso e paterno de Deus para com todos e todas, privilegiadamente para com os mais necessitados e, com isso, se rejuvenesce, ou será cada vez mais decadente e simulacro. Se o Senhor, em sua Providência, nos quer na história da Salvação é para com ele colaborar na visibilização, em nossa fragilidade, sanada e enriquecida com a força do Espírito, de Jesus Cristo pobre, virgem, obediente, orante, comunitário, missionário e inserido no meio dos pobres, sempre a serviço.

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Que é que seu Instituto e sua comunidade conhecem sobre a dinâmica da CLAR?
2. Quais eventos ou documentos da VRC tiveram mais incidência, até o momento atual, na vida de sua Congregação?
3. Como tem sido o envolvimento de sua família religiosa nas moblizações propostas pela CRB-Nacional e CLAR?
4. Dos aspectos destacados no Congresso da CLAR mencionado no texto, qual o que você e sua comunidade consideram prioritário?

Provocações de Aparecida à Vida Religiosa

Agenor Brighenti*

Já se passaram mais de dois anos da realização da Conferência de Aparecida. Suas conclusões foram publicadas num documento inspirador e profético, apesar das censuras que sofreu, depois da Assembleia. Aparecida foi uma grata surpresa, pois significou o resgate do Concílio Vaticano II e a reafirmação da tradição latino-americana inaugurada em Medellín, soando como um "toque de trombeta", que nos sacode de nosso comodismo, estancamento e tibieza, bem como de nosso cansaço e desilusão (cf. *DAp*, n. 362).

Agora, é a hora da verdade, da exigência de profundas mudanças, "da conversão pastoral" (*DAp*, n. 366) e da "renovação eclesial" (*DAp*, n. 367). Muitos, acostumados a receber receitas prontas, lamentam que Aparecida não ofereceu pistas concretas para tamanha tarefa. "Caminhante, não há caminho; o caminho se faz ao caminhar" – mais importante do que as respostas a serem dadas na singularidade de cada contexto é a abertura e o incentivo para, na liberdade do Espírito, lançar-se a criar o novo. As boas ideias não caem do céu, brotam da realidade, do ensaio da resposta a novas perguntas. Aparecida é um manancial inspirador e profético, que nos desafia a navegar em "águas mais profundas",[1] com a audácia dos profetas.

A recepção de um documento é sempre uma tarefa complexa, que exige coragem de mudar e perseverança, e implica um processo que envolve quatro fatores: a proposta em causa, atores, tempo e lugar:

1º A *proposta* de Aparecida teve leituras diversas, até antagônicas, algumas traindo seu espírito, feitas de maneira

* **Agenor Brighenti** é padre, doutor em Ciências Teológicas e Religiosas pela Universidade Católica de Louvain, Bélgica. Atualmente, é professor-pesquisador da PUC de Curitiba, professor visitante da Universidade Pontifícia do México, presidente do Instituto Nacional de Pastoral da CNBB, coordenador latino-americano da Amerindia e membro do Comitê Organizador do Fórum Mundial de Teologia e Libertação. **Endereço do autor:** Rua João Dranka, 66, apto. 1002, Bairro Cristo Rei, CEP 80050-530, Curitiba-PR.

1. Foi um convite de João Paulo II por ocasião da celebração do Jubileu do Ano 2000.

descontextualizada do evento da Conferência. Há projetos de "missão continental" que são "campanha" e não "missão permanente" e que continuam numa dinâmica centrípeta: em vez de a missão consistir em uma ação da comunidade como um todo a irradiar (*DAp*, n. 362) ou "persuadir", se resume em sair a fim de trazer pessoas para dentro da Igreja, eclipsando o Reino de Deus e ressuscitando o eclesiocentrismo pré-conciliar.

2º Os *atores*, em uma Igreja ainda em grande medida clericalizada, têm se mobilizado, sobretudo, em torno da elaboração dos novos planos de pastoral, em nível diocesano e paroquial, buscando aterrissar *Aparecida*. Mas, infelizmente, a prática está mostrando que grande parte das Igrejas locais não terá um "plano" de pastoral orgânica e de conjunto, apenas um "projeto" de missão continental. Uma espécie de campanha, um evento pontual levado a cabo pelo clero ou por grupos de leigos clericalizados, com algumas manifestações de massa. Nas Igrejas locais onde a missão integrar um plano de pastoral, orgânico e de conjunto, elaborado com a participação de todos os interessados, dar-se-á passos qualitativos.

3º O *lugar* marca a singularidade cultural e social das comunidades eclesiais, que faz da recepção não um mero "transvazar" ou transplantar de uma proposta, mas uma *re*-elaboração da mesma, segundo suas necessidades. No processo de "recepção" de uma proposta não se trata de transplantar, mas de inculturar, o que supõe uma assimilação metabólica.

4º O *tempo* marca um itinerário, um processo, que implica paciência e persistência, para além dos ímpetos das modas passageiras. Aqui mora o maior perigo para a Igreja, no seio de uma sociedade pautada pelo descartável e pelo efêmero. A próxima Conferência se dará, na melhor das hipóteses, dentro de dez anos. Será que Aparecida estará na ordem do dia até lá, provocando reflexões, mudanças, novas realizações? Ou, como tantos outros bons documentos, será mais um esquecido? Aparecida, quarenta anos depois, resgatou Medellín, felizmente. Mas quem

garante que a VI Conferência resgatará Aparecida, da mesma forma que um Concílio Vaticano III, hoje, corre o risco de negar o Concílio Vaticano II?

A desafiante proposta de Aparecida foi lançada a todas as comunidades eclesiais, no seio da própria Igreja local, com implicações para os diversos segmentos da vida eclesial, incluída a Vida Religiosa. Cabe a cada segmento buscar aterrissar a proposta em seu campo específico de atuação, sempre dentro da Igreja local, pois, como diz o Concílio Vaticano II, não existe Igreja anterior e exterior às Igrejas locais.

Neste texto, sem pretender ser exaustivos, tanto em relação ao *Documento de Aparecida* como à Vida Religiosa, apontaremos para três provocações centrais endereçadas a todos os discípulos missionários. Para cada provocação, num primeiro momento, caracterizaremos o desafio em questão e, num segundo, buscaremos aterrissá-lo na Vida Religiosa.

Uma Igreja samaritana

A primeira grande provocação de Aparecida, a todos os cristãos, incluída a Vida Religiosa, é sermos discípulos missionários, em uma "Igreja samaritana" (*DAp*, nn. 26, 176, 419) e "casa dos pobres" (*DAp*, nn. 8, 524).

"Igreja samaritana" em Aparecida

Num mundo marcado pelo "triunfo do indivíduo solitário" (J. Comblin), com a emergência do indivíduo hipernarcisista, hiperconsumista e hiper-hedonista, pouco a pouco se vai perdendo "o real da realidade" (J. Sobrino) dos outros, sobretudo dos que não fazem, mas "padecem a história" (Eduardo Galeano). A dureza de estar "condenado a salvar-se sozinho, em meio a milhões de concorrentes", forja corações de pedra, insensíveis à dor e até às alegrias do outro.[2]

Ora, o Deus de Jesus Cristo é alguém que se revelou solidário com a "aflição de seu povo", que vê, ouve, toma parti-

2. Sobre as dificuldades de estabelecimento de laços comunitários no mundo de hoje, ver: BENEDETTI, L. R. Comunidade: aspectos sócio-antropológicos. In: BRIGHENTI, A.; CARRANZA, B. (org.). *Igreja, comunidade de comunidades. Experiências e avanços*. Brasília: Ed. CNBB, 2009. p. 16-26.

do pelos injustiçados e sai ao encontro deles, convocando-os para sair "da terra da escravidão" e colocar-se a caminho da "terra onde corre leite e mel". "Ele tanto amou o mundo que deu seu próprio Filho", que assumiu nossa condição humana. Jesus, Emanuel, foi "tão humano, que só podia ser Deus" (L. Boff). Ele acolheu a todos, em especial os pecadores e os excluídos. Não veio para condenar, excomungar, mas para sanar, salvar. Mostrou compaixão, compreensão, amor misericordioso, atitudes capazes de suscitar reações imprevisíveis de conversão e generosidade (Zaqueu, Maria Madalena).

Numa sociedade desacreditada da Igreja e, às vezes, por causa dela, do próprio Evangelho, Aparecida nos convocou a recomeçar tudo em Jesus Cristo (Bento XVI, *Discurso Inaugural*). Voltar a redescobrir o Jesus histórico, o galileu de Nazaré, o samaritano da parábola. Há muita gente solitária em nossas babilônicas cidades, em intermináveis monólogos, na frente de um monitor de computador ou de uma televisão. Vivendo num mundo virtual, idealizado, muito distante do "cheiro de estrebaria" da gruta de Belém (Milton Schwantz). Vítimas do "pequeno burguês" como utopia, da sociedade do bem-estar e do conforto, do "padrão de vida americano", que é uma ameaça à viabilidade da vida humana e seus ecossistemas, no seio de um planeta já gravemente enfermo. Ao redor de sua própria "ilha de prosperidade", há um mar de pobreza, muita violência, que gera medo e acovarda. Que leva a criar seu próprio mundo à margem do mundo de todos. "Liberdade, hoje, é poder construir uma prisão para si" (Selvino Assmann). "Onde dormirão os pobres?" (Gustavo Gutiérrez). Que futuro para o mundo dos insignificantes, descartáveis (*DAp*, n. 65)? Ainda segundo Aparecida (*DAp*, nn. 407-430), que futuro para os moradores de rua, os migrantes, os presidiários, as vítimas de enfermidades endêmicas, a multidão dos drogados, os enfermos da rede pública de saúde?

Para sermos uma Igreja samaritana, é preciso determo-nos diante dessas realidades, diante do irmão caído. Não com olhar de desprezo, medo, juízo temerário. Não simplesmen-

te seguindo o próprio caminho, em direção ao "templo" do *shoping center*, na correria que não leva a lugar nenhum. Mas deixar a realidade falar. Deixar-se surpreender. Não ver o outro como mesmice, prolongamento do eu, mas como totalmente outro, diferente.[3] Uma diferença que não é necessariamente uma ameaça, mas antes promessa de novas possibilidades. Descentrar-se de si mesmo e de seu mundo é condição para uma Igreja samaritana. Ir ao encontro em vez de levantar muros; abrir-se ao diálogo em vez de sofisticar os alarmes; encarar as situações desestabilizadoras em vez de se refugiar nos soníferos e no mundo das novelas.

O melhor ponto de partida para uma Igreja samaritana é aquele onde estamos. Mas não simplesmente nos acomodando a ele, quem sabe "ilha de prosperidade rodeada por um mar de pobreza",[4] um mundo artificial dentro do mundo, uma subcultura eclesiástica, um gueto. É preciso ter a coragem de se perguntar se se está no lugar certo. Há certos lugares que nos impedem de ver certas coisas. A riqueza não é má em si, mas Jesus nos advertiu que é uma falsa amiga, pois pode nos fazer cegos e surdos ao grito dos que sofrem. Não basta inserir-se no mundo. Dentro de que mundo? Dos 20% de privilegiados incluídos ou dos 80% sobrantes e excluídos?[5] A opção de Jesus pelo *sujeito social* – os excluídos – leva-o a assumir seu *lugar social*. Não devemos perder de vista que somos seguidores de um Jesus pobre e peregrino.

Diferente do *Documento de Participação*, para o qual o "ponto de partida" era a "fome de verdade", a "fome de contemplação" ou o "desejo de felicidade" (n. 1), como também da *Síntese das Contribuições Recebidas*, que era a "sede de céu" (n. 1), em *Aparecida*, seguindo o método ver-julgar-agir, partiu-se, a exemplo do Concílio Vaticano II, dos "sinais dos tempos", presentes em uma realidade ambígua e contraditória.

Para os bispos, as condições de vida dos milhões e milhões de abandonados, excluídos e ignorados em sua miséria e dor contradizem o projeto do Pai e desafiam os cristãos a um maior compromisso em favor da cultura da vida. O Reino de vida, que Cristo veio trazer, é incompatível com

3. READING, J. Évangéliser dans un monde sécularisé. *La Foie et le Temps* 5 (1992) 453-469, aqui p. 458 (número especial que recolhe as conferências do colóquio *Évangélisation de l'Amérique latine: histoire et projet*, Louvain-la-Neuve, 6 e 7 de fevereiro de 1992). Ver, também: RICOEUR, P. *Soi-même comme un autre*. Paris: Seuil, 1990. p. 409. Perspectiva posta em relevo por: LÉVINAS, E. *Ethique et infini*. Paris: Faard, 1982. *Totalidad e infinito*. Salamanca: Sígueme, 1987.

4. SALGADO, S. *Exodus*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 11.

5. Cf. GUTIÉRREZ, G. *A força histórica dos pobres*. Petrópolis: Vozes, 1984.

estas situações desumanas. Fechar os olhos diante de tais realidades é não defender o Reino de Vida. Quem não ama permanece na morte. Há uma inseparável relação entre o amor a Deus e o amor ao próximo, que convida a todos a suprimir as graves dificuldades sociais e as enormes diferenças no acesso aos bens. Toda a preocupação por desenvolver estruturas mais justas ou por transmitir os valores sociais do Evangelho se situam no contexto de serviço à vida digna (*DAp*, n. 358).

"Igreja samaritana" na Vida Religiosa

Trazendo isso para a Vida Religiosa, cabe perguntar em que medida, como religioso ou religiosa, sentimos o "cheiro de estrebaria" da gruta de Belém onde estamos e onde moramos. Em outras palavras: em que medida se está próximo da realidade do mundo, da vida concreta da maioria das pessoas? Ou: em que medida essas pessoas têm acesso a nós, à nossa casa? O mundo do outro não é um mundo virtual.[6] Em que medida o espaço em que me movo me propicia não perder de vista e me tornar insensível às alegrias e às esperanças, às tristezas e às angústias (cf. *Gaudium et Spes*, n. 1) do outro, independemente de credo, cor, gênero, classe social, idade etc.? O seguimento de um Jesus itinerante implica repensar a presença da comunidade religiosa em determinados lugares, ainda que históricos, tradicionais. E tudo fica ainda mais difícil quando se está amarrado a imóveis, grandes construções que custaram muito esforço e dedicação de antigos membros da comunidade. Quantas estruturas físicas, confrontadas com o carisma hoje, já perderam sua razão de ser e são muitas vezes um obstáculo para uma Igreja samaritana, profética e missionária!

A Igreja lutou cinco séculos contra a Modernidade, que nasceu fora da Igreja, contra a Igreja, mas fundada em valores evangélicos. A distância do real da realidade a fez cega diante dos novos "sinais dos tempos", das interpelações do Espírito, que muitas vezes vem na contramão, em meio à ambiguidade da história. Refugiar-se em seu "gueto ou subcultura eclesiástica", na apologia, só prolongou o con-

6. Sobre a realidade de comunidades virtuais, hoje, ver: CARRANZA, B. Comunidade e comunidades virtuais. In: BRIGHENTI; CARRANZA, *Igreja, comunidade de comunidades. Experiências e avanços*, p. 74-91.

tratestemunho de uma Igreja que, muitas vezes, prefere mais se apegar às falsas seguranças e obsoletas respostas do passado do que se deixar desafiar pelos que, por sua situação de excluídos, "delatam o cinismo dos satisfeitos" (Cecílio de Lora).

Uma Igreja samaritana, além das possibilidades de acesso das pessoas à comunidade religiosa, depende também da disponibilidade de religiosas e religiosos para escutar, estar com o outro. Podemos estar sendo vítimas da mentalidade de funcionário, do utilitarismo, da eficiência, da sacralidade de "meu" tempo pessoal para as "minhas" coisas. Num mundo mercantilizado, em que tudo é pautado por "custo-benefício", há pouco espaço para a gratuidade, para o outro enquanto dimensão sabática da existência. As coisas mais importantes na vida são aquelas que não servem para nada. "Perder" tempo com o outro é ganhar o melhor tempo. Fora da gratuidade não há saída para a aventura humana, pois é ela a instância de sentido e de realização da vida. Fomos criados não para a segunda ou terça-feira, mas para o eterno domingo do amor gratuito de Deus.

A Vida Religiosa nasceu para ser sacramento da radicalidade do seguimento de um Jesus pobre e itinerante. Por isso um religioso faz voto de pobreza e não está "incardinado" numa Igreja local. O sedentarismo, o aburguesamento e a falta de sensibilidade e compaixão são os grandes obstáculos para uma Vida Religiosa samaritana, para uma religiosa e um religioso samaritano. E a questão mais espinhosa para uma Vida Religiosa samaritana é: a quem estamos servindo com nossas obras, com que classe de pessoas estamos trabalhando, a que causa estamos direcionado nossos recursos e nosso tempo? Em vez de estar recolhendo caídos e curando feridas, podemos estar cuidando da ovelha segura no aprisco e deixando as desgarradas jogadas à própria sorte. Os excluídos, os que sofrem, os que não cabem no pequeno mundo dos incluídos se sentem órfãos de sociedade. Oxalá a Vida Religiosa não seja motivo para se sentirem órfãos também de Igreja.

Uma Igreja profética

Não basta uma Igreja samaritana, acolhedora, mãe, misericordiosa. Para Aparecida, é preciso colocar o ferido de pé, para que ele mesmo faça caminho. É preciso que a Igreja seja também mestra, profética, transformadora, libertadora (*DAp*, nn. 480, 337, 518i). Dizia Martin Luther King que, se Jesus contasse a parábola do bom samaritano hoje, certamente diria que o assaltado, uma vez curado, na próxima viagem de Jerusalém a Jericó deveria mudar de caminho. Ele não poderia se defrontar outra vez com os mesmos assaltantes, ser novamente ferido e outra vez correr o risco de não ser socorrido pelo sacerdote e pelo levita, quem sabe até sem ter mesmo a sorte de encontrar um samaritano.

"Igreja profética" em Aparecida

Nas últimas décadas, com preocupação, temos visto a irrupção das comunidades terapêuticas, de novas "comunidades de vida", que se têm voltado para os que sofrem e até para os mais pobres entre os pobres. São comunidades integradas por pessoas sensíveis à dor do outro, cheias de compaixão pelos que sofrem, com uma capacidade de entrega e de vivência da pobreza indiscutíveis. É a irrupção da dimensão terapêutica da religião, eclipsada pela priorização das causas sociais e pelas mudanças estruturais. Havia ficado em segundo plano a pessoa, enquanto indivíduo, com suas necessidades pessoais, em sua subjetividade e singularidade, na crueza do presente, do momentâneo.[7]

Entretanto, apesar da legitimidade e necessidade do resgate da dimensão terapêutica da religião, ao lado do "terapêutico" é preciso evocar o "profético", sob pena de o terapêutico se constituir porta de saída da religião, fazendo dela alienação.[8] Deus não pode ser transformado em "objeto de meus desejos", assim como a religião não pode se reduzir a saúde física e psíquica, a prosperidade material. Somos todos conhecedores da ação dos "mercadores da boa-fé", das "Igrejas pedágio", do mercado do religioso, que já é o segundo produto mais rentável do capitalismo. Buscas sin-

7. Sobre o fenômeno das novas comunidades de vida, ver: BENEDETTI, L. R. Movimentos e comunidades de vida. In: BRIGHENTI; CARRANZA, *Igreja, comunidade de comunidades. Experiências e avanços*, p. 99-104. CARRANZA, B.; MARIZ, C.; CAMURÇA, M. (orgs.). *Novas comunidades católicas. Em busca do espaço pós-moderno*. Aparecida: Ideias e Letras, 2009.

8. BRIGHENTI, A. Igreja e comunidade. Ressonâncias. In: BRIGHENTI; CARRANZA, *Igreja, comunidade de comunidades. Experiências e avanços*, p. 162-174.

ceras por respostas a perguntas legítimas estão sendo instrumentalizadas por um mercado ou por pessoas que estão secularizando o religioso, paganizando o Cristianismo.[9] Por trás de certas iniciativas estão, muitas vezes, interesses econômicos e até situações patológicas de seus líderes e adeptos – "médico, cura-te a ti mesmo".[10]

Na experiência religiosa, sobretudo no Cristianismo, o terapêutico precisa estar ligado ao profético. Jesus não foi um curandeiro nem ressuscitou todos os mortos ou expulsou os "demônios" de todos os "possessos" que encontrou. Operou somente alguns milagres como "sinais" históricos da presença do Reino escatológico que ele estava inaugurando. A salvação é universal e comunitária, disse o Concílio Vaticano II, escatológica, sem podermos, de um lado, esgotá-la na história e, de outro, relegá-la à meta-história. Pelo fato de nos termos feito cristãos não está assegurado que não vamos ter doenças, obstáculos, provações ou dificuldades financeiras. A religião como alienação tende a responsabilizar o diabo por todo mal que existe e a Deus por todo bem a realizar, fruto de uma falsa interpretação das bem-aventuranças. Milagres e exorcismos são as duas alternativas diante do mistério do mal. É a pretensão de uma opção pelos pobres sem dor, sem conflito, sem cruz, com todo respaldo do supérfluo dos ricos. Buscar um Cristo sem cruz é encontrar uma cruz sem Jesus. Quem salva é o Jesus da cruz, o Cristo da ressurreição. É a volta de uma caridade despolitizada, assistencialista, filantropia igrejeira, que faz do pobre um "objeto" de caridade e não "sujeito" de sua própria história de salvação com os outros.

Ao lado de uma Igreja samaritana, Aparecida nos conclama a ser uma Igreja profética, que vá lá onde o pobre está e se faça "companheira de caminho", para que ele seja sujeito com outros sujeitos e façam história de salvação.[11] Por isso pede um sereno discernimento sobre "sentido, necessidade e autenticidade" dessas novas formas de Vida Religiosa (*DAp*, n. 222). Fazer caminho com os insignificantes é ser bom pastor, aquele que vai à frente, defendendo-os dos perigos e ameaças, portanto arriscando-se, assumindo os conflitos, o

9. Ver: CARRANZA, B. Perspectivas da neopentecostalização católica. In: CARRANZA; MARIZ; CAMURÇA, *Novas comunidades católicas. Em busca do espaço pós-moderno*, p. 33-58.

10. Sobre as mudanças em curso no seio da religião, ver: MARDONES, J. M. *Para comprender las nuevas formas de la religión*. Navarra: Verbo Divino, 1994. p. 151-163. TERRIN, A. N. Despertar religioso: nuevas formas de religiosidad. *Selecciones de Teología* 126 (1993) 127-137. CAMPICHE, R. et alii. Individualisation du croire et recomposition de la religion. *Archives de Sciences Sociales des Religions* 81 (1993) 117-131. Na América Latina, ver: AZEVEDO, M. América Latina. Perfil complexo de um universo religioso. *Medellín* 87 (1996) 5-22. Sobre as mudanças do Cristianismo em relação à Modernidade, ver: HERVIEU,

que pode redundar em perseguição e martírio. Não se pode ignorar e muito menos fugir dos conflitos da sociedade. A fé cristã não nos tira do mundo. Com a Bíblia não é possível justificar a fuga do mundo, ao contrário, a ressurreição é o culminar da encarnação, pois "o que não é assumido não é redimido" (Irineu de Lyon).

Um grande passo da Igreja na América Latina foi ter tomado consciência de que o "pecado social" não é a soma de pecados individuais,[12] mas pecados pessoais que passaram para as estruturas e instituições. Consequentemente, não basta "converter as pessoas" para anteciparmos o Reino de Deus na história. É preciso também "converter as estruturas", como disse Santo Domingo. Não de um lado e depois do outro, mas simultaneamente, como afirma *Evangelii Nuntiandi*, pois, se a pessoa faz as estruturas, estas também fazem as pessoas. Conceitos do Magistério da Igreja, como "estruturas de pecado" (*Puebla*, nn. 281, 452; *Santo Domingo*, n. 243), "injustiça institucionalizada" (*Puebla*, nn. 495, 509, 562), integram a erradicação do pecado social na ação evangelizadora.

Os arautos de uma caridade despolitizada, ingênua, anticristã, humilhante e ofensiva aos pobres, como apostam em saídas milagreiras, gostam muito do estético, do rito, da beleza plástica das celebrações, de assembleias festivas, de sacramentais, relicários, devocionismos. Não deixa de ser uma reação a uma religião racionalista, fria, intelectualizante, distante do sentimento e do coração. Mas, ao lado do estético, é preciso colocar o ético, sob pena de transformar o simbólico em esotérico. Os símbolos cristãos não nos distanciam do concreto, da história, do cotidiano, da vida, ao contrário, apenas querem antecipar, no rito, a eternidade na precariedade do presente. O simbólico é a linguagem do sagrado e não atos de magia.

"Igreja profética" na Vida Religiosa

Que seria uma Igreja profética na Vida Religiosa? Antes de tudo, seria a audácia da inserção por contraste num

D.; CHAMPION, F. Les manisfestations contemporaines du christianisme et la modernité. In : CENTRE T. MORO. *Christianisme et modernité*. Paris: Cerf, 1990.

11. GUTIÉRREZ, G. La opción profética de una Iglesia. In: AMERINDIA; SOTER (org.). *Tejiendo redes de vida y esperanza. Cristianismo, sociedad y profecía en América Latina y el Caribe*. Bogotá: Indo-American Press Service Ltda, 2006. p. 307-320. RICHARD, P. La Iglesia Católica en América Latina y el Caribe y la opción por los pobres. In: AMERINDIA; SOTER, *Tejiendo redes de vida y esperanza. Cristianismo, sociedad y profecía en América Latina y el Caribe*, p. 321-331.

12. Cf. MUÑOZ, R. Para una eclesiología latinoamericana y caribeña. In: AMERINDIA; SOTER, *Tejiendo redes de vida y esperanza. Cristianismo, sociedad y profecía en América Latina y el Caribe*, p. 333-352.

mundo marcado pela exclusão e mercantilização de todas as relações humanas. O Cristianismo é portador de uma diferença que precisa fazer diferença lá onde os cristãos se fazem presentes. Inserção por contraste é não entrar simplesmente na disputa do mercado com as mesmas artimanhas dos concorrentes, mas antes assumir os conflitos e as contradições da realidade através de uma vida e um anúncio profético. É assumir a causa dos insignificantes, consequentemente tomando posição diante de estruturas de exclusão e de modelos de vida, que são ameaça para os semelhantes e para o planeta.[13] É descentrar-se da Igreja e da própria comunidade religiosa e sintonizar com as grandes causas da humanidade, associando-se às iniciativas de outras Igrejas, religiões e instituições, que buscam construir um mundo onde caibam todos, expressão histórica do Reino escatológico inaugurado por Jesus Cristo.[14] É guardar a memória dos mártires das causas sociais, expressão da memória perigosa de Jesus de Nazaré.

E como importa mais mostrar a fé do que demonstrá-la, também a Vida Religiosa precisa ter presente que o mensageiro é também mensagem, que as estruturas são mensagem, que o lugar onde moramos e como moramos é mensagem, que o modo como nos vestimos ou nos transportamos é mensagem. Ficará para sempre, incomodando em nossa consciência, o "pacto das catacumbas", assinado e vivido por uma quarentena de bispos no final do Concílio Vaticano II, liderados por Dom Helder Câmara. Vale a pena conferir o compromisso, formulado em treze pontos:

> 1. Procuraremos *viver* segundo o modo ordinário da nossa população, no que concerne à *habitação*, à *alimentação*, aos *meios de locomoção* e a tudo que daí se segue. Cf. Mt 5,3; 6,33s; 8,20.
> 2. Para sempre renunciamos à aparência e à realidade da riqueza, especialmente no traje (fazendas ricas, cores berrantes), nas insígnias de matéria preciosa (devem esses signos ser, com efeito, evangélicos). Cf. Mc 6,9; Mt 10,9s; At 3,6. Nem ouro nem prata.
> 3. Não *possuiremos nem imóveis*, nem móveis, nem conta em banco etc., em nosso próprio nome; e, se for preciso possuir, pore-

13. COMBLIN, J. Los pobres en la Iglesia latinoamericana y caribeña. In: *Tejiendo redes de vida y esperanza. Cristianismo, sociedad y profecía en América Latina y el Caribe*, p. 289-305, aqui p. 301-304.

14. Sobre a categoria Reino de Deus, ver: SOBRINO, J. El reino de Dios anunciado por Jesús. Reflexiones para nuestro tiempo. In: AMERINDIA; SOTER, *Tejiendo redes de vida y esperanza. Cristianismo, sociedad y profecía en América Latina y el Caribe*, p. 267-288, aqui p. 283-288. E também: SOBRINO, J. Centralidad del Reino de Dios en la teología de la liberación. In: *Mysterium liberationis*. Madrid: Trotta, 1990. p. 467-510.

mos tudo no nome da diocese, ou das obras sociais ou caritativas. Cf. Mt 6,19-21; Lc 12,33s.

4. Cada vez que for possível, confiaremos a *gestão financeira e material* em nossa diocese a uma comissão de leigos competentes e cônscios do seu papel apostólico, em mira a sermos menos administradores do que pastores e apóstolos. Cf. Mt 10,8; At 6,1-7.

5. Recusamos ser chamados, oralmente ou por escrito, com nomes e títulos que signifiquem a grandeza e o poder (Eminência, Excelência, Monsenhor...). Preferimos ser chamados com o nome evangélico de Padre. Cf. Mt 20,25-28; 23,6-11; Jo 13,12-15.

6. No nosso comportamento, nas nossas relações sociais, evitaremos aquilo que pode parecer conferir *privilégios, prioridades* ou mesmo uma *preferência* qualquer *aos ricos e aos poderosos* (ex.: banquetes oferecidos ou aceitos, classes nos serviços religiosos). Cf. Lc 13,12-14; 1Cor 9,14-19.

7. Do mesmo modo, evitaremos incentivar ou lisonjear a *vaidade* de quem quer que seja, com vistas a recompensar ou a solicitar dádivas, ou por qualquer outra razão. Convidaremos nossos fiéis a considerarem as suas dádivas como uma participação normal no culto, no apostolado e na ação social. Cf. Mt 6,2-4; Lc 15,9-13; 2Cor 12,4.

8. Daremos tudo o que for necessário de nosso tempo, reflexão, coração, meios etc., ao serviço *apostólico e pastoral* das pessoas e dos grupos laboriosos e economicamente fracos e subdesenvolvidos, sem que isso prejudique as outras pessoas e grupos da diocese. Ampararemos os leigos, religiosos, diáconos ou sacerdotes que o Senhor chama a evangelizarem os pobres e os operários compartilhando a vida operária e o trabalho. Cf. Lc 4,18s; Mc 6,4; Mt 11,4s; At 18,3s; 20,33-35; 1Cor 4,12 e 9,1-27.

9. Cônscios das exigências da justiça e da caridade, e das suas relações mútuas, procuraremos *transformar* as obras de "beneficência" em *obras sociais* baseadas na caridade e na justiça, que levam em conta todos e todas as exigências, como um humilde serviço dos organismos públicos competentes. Cf. Mt 25,31-46; Lc 13,12-14.33s.

10. Poremos tudo em obra para que os responsáveis pelo nosso governo e pelos nossos serviços públicos decidam e ponham

em prática as *leis*, as *estruturas* e as *instituições sociais* necessárias à justiça, à igualdade e ao desenvolvimento harmônico e total do homem todo em todos os homens, e, por aí, ao advento de uma outra ordem social, nova, digna dos filhos do homem e dos filhos de Deus. Cf. At 2,44s; 4,32-35; 5,4; 2Cor 8–9; 1Tm 5,16.

11. Achando a colegialidade dos bispos sua realização a mais evangélica na assunção do encargo comum das massas humanas em estado de miséria física, cultural e moral – dois terços da humanidade – comprometemo-nos: a participar, conforme nossos meios, dos investimentos urgentes dos episcopados das nações pobres; a requerer juntos, ao plano dos organismos internacionais, mas testemunhando o Evangelho, como o fez o Papa Paulo VI na ONU, a adoção de estruturas econômicas e culturais que não mais fabriquem nações proletárias num mundo cada vez mais rico, mas sim permitam às massas pobres saírem de sua miséria.

12. Comprometemo-nos a *partilhar*, na caridade pastoral, nossa vida com nossos irmãos em Cristo, sacerdotes, religiosos e leigos, para que nosso ministério constitua um verdadeiro serviço. Assim: esforçar-nos-emos para "revisar nossa vida" com eles; suscitaremos colaboradores para serem mais uns animadores segundo o espírito do que uns chefes segundo o mundo; procuraremos ser o mais humanamente presentes, acolhedores...; mostrar-nos-emos abertos a todos, seja qual for a sua religião. Cf. Mc 8,34s; At 6,1-7; 1Tm 3,8-10.

13. Tornados às nossas dioceses respectivas, daremos a *conhecer* aos nossos diocesanos a nossa resolução, rogando-lhes ajudar-nos por sua compreensão, seu concurso e suas preces.

Ajude-nos Deus a sermos fiéis.[15]

Diante dos grandes problemas ecológicos, o aquecimento global é o mais grave. Afirmam os cientistas que a única saída é uma vida austera. O "padrão de vida americano" não é universalizável, pois necessitaríamos de mais seis planetas Terra para suprir tantas falsas necessidades. Já foi dado o alarme de que estamos consumindo 30% a mais do que o planeta pode suportar. Diante disso, conhecedores da mensagem evangélica, os cristãos deveriam ser um exemplo de

15. O texto está disponível em: <http://recantodasletras.uol.com.br/artigos/1427573>.

vida austera. E muito mais a Vida Religiosa, como, aliás, tantas comunidades são testemunho.

O profetismo na Vida Religiosa está estreitamente relacionado com os três votos, que questionam falsos deuses como o ter, o poder e o valer. Sobretudo em sua história recente, a Vida Religiosa na América Latina e no Caribe, na perspectiva da CRB no Brasil e da CLAR em âmbito continental, é testemunha da profecia da fé cristã, num contexto marcado pela exclusão e por uma cultura de morte. Não foram poucas as Congregações, Institutos e Sociedades de Vida Apostólica que, sacudidos pelo Concílio Vaticano II, se lançaram em uma ação evangelizadora na perspectiva de Medellín. Aparecida reconhece e louva o testemunho e a contribuição de consagrados e consagradas, presentes em situações de pobreza, de risco e de fronteira (cf. *DAp*, n. 99c). Eles foram e continuam sendo um elemento decisivo para a missão evangelizadora da Igreja (*DAp*, n. 216), um anúncio explícito do Evangelho, principalmente aos mais pobres (cf. *DAp*, n. 219), "em continuidade com a tradição de santidade e martírio de tantas e tantos consagrados, na história do Continente" (*DAp*, n. 220).

O profetismo da Vida Religiosa deu-se também em relação às contradições da própria instituição eclesial, gerando não poucos dissabores. É conhecida e reconhecida a contribuição de religiosas e religiosos à produção teológica latino-americana, à ação evangelizadora junto aos mais pobres, às CEBs, à pastoral social e popular. A presença e inserção nos meios populares não deixou de gerar reações intraeclesiais pouco fraternas. Resquícios dessas posturas,[16] os censores do *Documento de Aparecida* deixaram registrado em suas páginas que "comunidades inteiras de religiosos e religiosas, inseridas nos meios populares se secularizaram", assim como, em lugar de "mútua relação com os pastores", para os censores os religiosos precisam estabelecer "autêntica comunhão", "sob a orientação dos bispos" (*DAp*, n. 223).

Por diversas razões, nos últimos anos, um bom contingente de cristãos inseridos tomou distância do lugar social dos pobres. Determinados segmentos da Vida Religiosa retorna-

16. Para entender a onda de conservadorismo na Igreja hoje, ver: LUNEAU, R.; LADRIÈRE, P. *Le retour des certitudes*. Paris: Centurion, 1988. Também, dos mesmos autores: *Le rêve de Compostelle*. Paris: Centurion, 1990. Ver também: GONZALEZ FAUS, J.-I. El meollo de la involución eclesial. *Razón y Fe* 220/1089/90 (1989) 67-84. CARTAXO ROLIM, F. Neoconservadorismo eclesiástico e uma estratégia política. *REB* 49 (1989) 259-281. LIBANIO, J. B. *A volta à grande disciplina*. São Paulo: Loyola, 1984. (Coleção Teologia e evangelização, n. 4.)

ram às suas antigas obras, direcionadas a promover as classes média e alta de uma sociedade injusta e excludente. Certos teólogos, outrora ligados aos meios populares, refugiaram-se na academia. A situação dos insignificantes se agravou e os profetas silenciaram. Os poucos mártires das causas sociais tendem a ser vistos como ideologizadores da fé.

Uma Igreja missionária

Uma Igreja samaritana e profética para uma Igreja "em estado permanente de missão", esta é a desafiante proposta de Aparecida.

"Igreja missionária", em Aparecida

Missão não é campanha, um evento pontual, um projeto com data para começar e terminar. É o modo de ser Igreja, comunidade de "discípulos missionários", chamados por Jesus e associados à continuidade de sua obra. Discipulado é seguimento de um Jesus pobre e itinerante; é colocar-se a caminho; é sair da própria terra, sustentado na fé de Abraão; é tornar-se apóstolo de uma salvação universal.

Para Aparecida, o sujeito da missão é a comunidade eclesial como um todo (*DAp*, n. 362). Historicamente, tendeu-se a entender a missão como uma tarefa de alguns na Igreja, ou de uma Congregação religiosa, ou a missão *ad gentes*, em terras distantes, em busca da implantação da Igreja. A missionariedade é da essência da Igreja. A comunidade é que é "o missionário" e que envia missionários em comunidade, "dois a dois". Precede o anúncio "mostrar a fé" pela vivência fraterna, pelo "ter o mesmo em comum" (cf. At 2,42-44), o testemunho como motivo de credibilidade. Se a Igreja existe para evangelizar (*Evangelii Nuntiandi*, n. 14), então, para Aparecida, tudo na comunidade eclesial deve estar direcionado à missão: as ações, os serviços, as estruturas, os ministérios.

Para Aparecida, o método pertence ao conteúdo, o método é também mensagem, portanto missão não é implantar a Igreja, sair para trazer pessoas para dentro dela, ação cen-

trípeta. Consiste antes em "irradiar" a vida e o testemunho cristão da comunidade eclesial. Irradiar é "dar de graça", é partilhar alegremente um dom. É ser "luz do mundo", "fermento na massa", renunciando a qualquer resquício de Cristandade ou de eclesiocentrismo.

Trata-se, para Aparecida, de "irradiar para persuadir", pois o único método evangélico para evangelizar, como dizia Las Casas, é o da "persuasão pela força do amor". Isso significa que a missão não tem "destinatários", mas "interlocutores". Não é *ad gentes*, mas *inter gentes*, como diz Paulo Suess. Como Deus não se impõe, mas se propõe, não há missão cristã fora de uma relação dialógica, horizontal, de evangelização mútua – "a Igreja só evangeliza na medida em que começa por se evangelizar a si mesma" (cf. *Evangelii Nuntiandi*, n. 15).

Finalmente, para Aparecida, uma Igreja em estado permanente de missão só é possível se houver "conversão pastoral" (*DAp*, n. 366) e "renovação eclesial" (*DAp*, n. 367). Conversão pastoral é mudança no "fazer" da Igreja, nas ações. Novas perguntas exigem novas respostas. Para isso, é preciso "passar de uma pastoral de conservação a uma pastoral decididamente missionária", superando o modelo tradicional paroquial, de sacramentalização, de predomínio do administrativo sobre o pastoral, clerical, eclesiocêntrico. Por sua vez, a renovação institucional consiste na mudança das estruturas – "vinho novo em odres novos". Diz Aparecida que na Igreja há estruturas obsoletas, "ultrapassadas" (*DAp*, n. 365), obstáculos à missão, que precisam urgentemente ser substituídas por novas formas de dar suporte à ação evangelizadora. É urgente mudar as ações e as estruturas para que a missão seja, de fato, um serviço à vida das pessoas e de nossos povos. A obra da evangelização está ligada a uma promoção humana, que leve à autêntica libertação, integral, abarcando a pessoa inteira e todas as pessoas, fazendo-as sujeito de seu próprio desenvolvimento (cf. *DAp*, n. 399). Por isso a fé cristã deverá engendrar padrões culturais alternativos para a sociedade atual (cf. *DAp*, n. 480). A promoção da vida plena em Cristo nos leva a assumir evangelicamente

as tarefas prioritárias que contribuem para a dignificação de todos os seres humanos e, para isso, a trabalhar junto com demais pessoas e instituições (*DAp*, n. 384), fazendo dos pobres sujeitos de mudança e de transformação de sua situação (*DAp*, n. 394), evitando o paternalismo (*DAp*, n. 397), no diálogo com as ciências (*DAp*, n. 465), cuidando da ecologia (n. 474), inculturando o Evangelho (*DAp*, n. 479), de modo particular no mundo urbano (*DAp*, n. 509) e na vida pública (*DAp*, n. 501).

"Igreja missionária" na Vida Religiosa

Trazendo isso para a Vida Religiosa, uma Igreja em estado permanente de missão (*DAp*, n. 213) exige, antes de tudo, potenciar a dimensão missionária do carisma fundacional. Muito mais se é uma fundação para a missão. Com o passar do tempo, pode-se ter armazenado muitas amarras, ofícios, rotinas, burocracias, que tornaram a institucionalização do carisma um obstáculo à missão – *Ecclesiam semper reformanda,* diziam os Santos Padres. Todos somos conhecedores dos gigantescos esforços da Vida Religiosa, sobretudo na última década, em torno da "refundação da Vida Religiosa", embora se tenha questionado a ousadia da profundidade da tarefa. É que a Instituição pode estar sufocando o frescor original do carisma. Mantém-se alguns nas frentes de missão e a maioria fica numa retaguarda funcionalista e estática. Pode ser que se esteja perdendo o entusiasmo, a mística, o zelo missionário e o vigor dos fundadores, não conseguindo entusiasmar a juventude, ressentindo-se da extrema carência de continuadores de suas obras.

O potencial missionário do carisma, dado que a comunidade eclesial é o sujeito da missão, exige da comunidade religiosa inserir-se na vida da Igreja local, nas comunidades eclesiais onde ela está situada. A Vida Religiosa não é uma Igreja dentro da Igreja, é membro do único corpo que é Igreja, integrado por tantos outros membros que a conformam. A Vida Religiosa tem sua autonomia diante da Igreja local, mas jamais independência. Não se trata, portanto, de a comunidade religiosa ser sujeito da missão, dela fazer suas

"próprias coisas", levar adiante "suas próprias obras". Ela só será sujeito quando a comunidade eclesial, da qual a comunidade religiosa faz parte, for sujeito da missão.

Para isso, primeiro é preciso que as obras de evangelização da Vida Religiosa estejam sintonizadas com a missão da Igreja local, integradas a seu plano de pastoral, perseguindo o mesmo objetivo, ainda que fazendo coisas diferentes, somando na busca comum, conformando "um só coração e uma só alma". Segundo, apresenta-se a exigência de trabalhar em parceria com outros segmentos eclesiais e sujeitos sociais, em perspectiva ecumênica, inter-religiosa e civil. Trata-se de criar espaços comuns de cooperação e estabelecer convênios, que, além de produzir mais frutos, permitem uma racionalização considerável de recursos e de duplicação de esforços. Trabalhar "em rede" é a única saída, também para a Igreja, incluída a Vida Religiosa, tecendo redes intra e extraeclesiais. É urgente avançar, pois estamos demonstrando dificuldades do clero ou dos religiosos em confiar nos leigos, dentro de nossas próprias Instituições, mas precisamos aprender a confiar também em outras Instituições e trabalhar em parceria com elas. Não simplesmente por uma questão de eficácia, mas sobretudo de testemunho de uma Igreja que entende a missão como serviço a uma sociedade justa e solidária para toda a humanidade, expressão da antecipação do Reino escatológico na intra-história.

Concluindo

A Vida Religiosa é um sacramento da radicalidade do seguimento de Jesus de Nazaré. Obediência é estar aberto a fazer a vontade Deus. Castidade é amor universal. Pobreza é esvaziamento e despojamento. O seguimento é de um Jesus pobre e itinerante, histórico, que veio inaugurar um "Reino da vida" (*DAp*, n. 361) e associar-nos à sua obra, Boa-Nova para os pobres, os caídos, insignificantes, excluídos. Por isso consagração não é distanciamento do mundo. É, antes, radicalizar o modo de ser "Igreja samaritana", "Igreja profética" e "Igreja missionária".

Em tempos de turbulências e tribulações como os nossos na atualidade, fechar-se sobre si mesmo, sobre a própria comunidade ou Instituição, preocupar-se tão somente com a sobrevivências das próprias obras, é suicído. A revitalização da Vida Religiosa passa pela redescoberta da vocação da Igreja no mundo. É *re*-situando o papel do cristão no mundo de hoje que a Vida Religiosa vai se reencontrar com o Jesus histórico e refundar a radicalidade de sua forma de vida, da qual é seu sacramento.

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Que é que dificulta para sua comunidade religiosa testemunhar uma Igreja samaritana?
2. Como aparece a Igreja profética no carisma fundacional de sua Instituição religiosa?
3. Como a Vida Religiosa que você professa pode contribuir para que as comunidades eclesiais sejam sujeito de missão?

Juventudes e Vida Religiosa: possibilidades de aproximação

Rubens Nunes da Mota, OFMCap*

Introdução

O presente artigo se propõe retomar a quinta prioridade da Conferência dos Religiosos do Brasil para o triênio 2007-2010, que se encontra no Plano Global e é assim descrita: "Buscar novas formas de aproximação e presença junto às *juventudes*". Para tanto, propomos o entendimento sobre que tipo de aproximação havia antes de a XXI Assembleia Geral da CRB, em julho de 2007, explicitar como estamos compreendendo essas juventudes, no plural, e percebermos como deve acontecer essa aproximação e presença da Vida Religiosa Consagrada (VRC). Ao final, tentaremos vislumbrar as contribuições que essa prioridade pode trazer para a VRC e, consequentemente, para a Igreja, visto que essa atenção às juventudes aponta para uma perspectiva distinta da que se tem feito, percebê-las a partir de si mesmas e não das expectativas congregacionais.

Compreendendo a diversidade: juventude/juventudes

Quando pensamos no termo "juventude", no mínimo nos vêm à mente três instâncias ou organismos que refletem essa terminologia: a *social*, que, a partir da década de 1950, entende a nomenclatura como uma fase de preparação cunhada para um período da vida em que a pessoa não é criança ou adolescente, dependente de cuidados familiares, mas também ainda sem habilidades suficientes para ingres-

* **Frei Rubens Nunes da Mota** é irmão franciscano capuchinho da Província Brasil Central. Formado em Psicologia, com pós-graduação em Terapia de Família Sistêmica pela Universidade Católica de Goiás, e em Teologia pelo Instituto de Filosofia e Teologia de Goiás (IFITEG). Exerce atualmente o cargo de assessor da CRB-Nacional para Juventudes. **Endereço do autor:** SGAS, Qd. 906 , Conj. D 70390-060 Brasília/DF (61) 3443-1223 e (61) 3226-5540 freirubens@crbnacional.org.br freirubens@yahoo.com.br

sar no mundo do trabalho e assumir responsabilidades como adulta. A *ONU* define juventude a partir do cronológico, ou seja, jovens são os que estão entre as idades de 15 e 24 anos.[1] Para a *Psicologia*, é uma fase que pressupõe um nível de maturidade diante do processo constituído socialmente e que venha possibilitar a emancipação futura, quando adulto.

Todas essas reflexões nos levam a concluir que nesta fase há um caráter universal de transformações do indivíduo, tanto fisiológicas quanto culturais. Ao mesmo tempo, é uma construção histórico-cultural que aponta para um sujeito[2] que se constitui socialmente a partir das relações. Por causa dessa compreensão, enquanto fase, passagem e transitoriedade, tem como consequência a desconsideração da pessoa, uma vez que, acentuando a fase de preparação, o que passa a ter valor é o futuro, quando estará pronto para o mercado. Apontamos que essa compreensão tende a uma imagem esteriotipada, na qual o jovem é visto como instável, sem compromisso, não considerado na elaboração de projetos, mas como tarefeiro/mão de obra barata, que só é chamado para executar.

Além da depreciação que a juventude sofre por ser compreendida como fase de preparação, surge outro problema, que é sua generalização. Vista no singular, a juventude sofre com a padronização e rotulação, justificando as expressões "no meu tempo era assim...", "grupo de jovens tem de ser assim...". Compreender a diversidade de jovens existente, tanto no meio eclesial quanto no secular, ajuda a entender a singularidade de cada grupo.

A partir dessas reflexões é possível perceber que não há um tipo de jovem penalizado com essa configuração que reduz e generaliza, mas que as juventudes, no plural, por ser diversas,[3] são susceptíveis às crises. O termo crise implica processo de revisão que desinstala e provoca mudanças. Nesse sentido todos nós passamos ou deveríamos passar por elas! Contudo a fase juvenil tem como característica as buscas, experiências que ajudam a pensar o projeto de vida. Essa pluralidade juvenil se dá nos diversos campos culturais, como nas diversas realidades em que se encontram, tanto

1. SOUZA, R. M. *O discurso do protagonismo juvenil.* São Paulo: Paulus, 2008.

2. WAISELFISZ, J. J. *Relatório de desenvolvimento juvenil.* Brasília: Ed. Ritla, 2007.

3. SOUZA, *O discurso do protagonismo juvenil.*

no meio eclesial (pastorais e movimentos) quanto no meio secular/social (*Emos*, moda, seguimentos...). Contudo, por já sofrer com a desassistência e padecer com os preconceitos essas juventudes se veem excluídas dos nossos meios, tendo de criar formas alternativas para cultivar as relações.[4] Tal situação se agrava para os jovens que dependem do ensino público e sofrem com o *déficit* escolar. Outros trazem o sofrimento da "desestrutura" familiar e todos penam com a falta de opções no campo de trabalho. É óbvio que essa situação provoca crise e confusão diante do projeto de vida. Se nós, adultos, passamos por crises, por que não ter paciência com os questionamentos e inconstâncias próprias de uma fase tão penalizada pela sociedade?

Queremos afirmar que o jovem tem o direito de ser percebido em si mesmo, ou seja, que ser jovem traz seu próprio sentido e que seus valores podem ser verificados nessa fase, que é muito mais do que a idade, é o reconhecimento de sua existência. Essa reflexão pode ser mais animadora e projetiva do que a frase costumeiramente ouvida "o jovem é o futuro de amanhã". O que sabemos é que nesse "amanhã" ele poderá ser qualquer coisa, menos jovem. O futuro depende do hoje! Se valorizarmos o jovem e investirmos em seu protagonismo,[5] o futuro melhor que sonhamos terá maiores condições de ser presentificado.

Vida Religiosa: querendo aproximação

A XXI AGE, com reflexões a partir do tema "Mudança de época e época de mudança" e do lema "Diga a essa geração, avance", trouxe inquietações à VRC, desinstalando de seguranças que a estrutura e as normas oferecem. Esse movimento ajudou a ampliar o foco de atuação, não somente com o olhar para dentro da própria estrutura, mas com a percepção das necessidades externas. Foi nesse contexto que a quinta prioridade, *juventudes*, foi gerada. O surgimento dessa prioridade, nos moldes como aconteceu, causou incômodo ao constatar o distanciamento da VRC para com as juventudes. Houve um sentimento de angústia ao perceber

4. Revista *Época*, n. 578, p. 64-71, 15 jul. 2009.

5. SOUZA, O *discurso do protagonismo juvenil*.

que estamos tão alheios à realidade das juventudes que não configura só distanciamento, mas um verdadeiro abismo.

O clima aparentemente pessimista ajudou a perceber que essa prioridade foi fruto de um processo. No triênio anterior (2004-2007), a Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB) encarou os desafios que a VRC tem para com a juventude que está em seu meio, os(as) religiosos(as) jovens. Aquela prioridade ajudou com grandes reflexões acerca da VRC, a partir dos grupos de *novas gerações* e seu congresso. Com esses passos dados agora se tornou possível essa percepção das juventudes que não estão dentro das casas religiosas, e mais, que estão, mesmo, fora do meio eclesial.

Outro questionamento veio da própria forma como foi elaborada a prioridade. Ao dizer "buscar novas formas de aproximação das juventudes", surge o questionamento: já havia uma aproximação? Como se dava essa aproximação? Quais as contribuições que essa prioridade pode trazer para a VRC e para a Igreja, visto que essa atenção às juventudes traz uma perspectiva distinta da que se tem feito, ou seja, percebê-las a partir de si e não das expectativas congregacionais e eclesiais que temos. No Encontro Nacional das Congregações que trabalham com jovens (Belo Horizonte, setembro de 2008) e nas visitas às Regionais, foi possível constatar que a aproximação existente não está a contento da maioria, tanto a da VRC quanto a das juventudes. Membros das Congregações reclamam que não atingem as juventudes como gostariam e os jovens, principalmente das Pastorais de Juventude, dizem que tem diminuído a presença e assessoria da VRC.

Num primeiro momento, foi necessário perceber, a partir das Regionais, como estava essa realidade e qual a disposição de abraçar a causa. Paralelamente, foi feita uma aproximação com o Setor Juventude da Conferência dos Bispos do Brasil (CNBB), Congregações e Institutos que trabalham com juventudes. A constatação é de que há um clima favorável em prol dessa aproximação e que a grande maioria se mostra empolgada diante da proposta.

Vislumbrando horizontes

Tendo percorrido esse caminho, alguns horizontes foram se abrindo: um deles, talvez o maior, ainda está por ser mais bem compreendido e impulsionado, a saber, a novidade que essa prioridade traz para a VRC e para a Igreja. Priorizar as juventudes não significa abandonar os jovens que já estão no meio eclesial, mas, a partir deles, chegar àqueles e àquelas que ignoramos. Esse olhar da VRC para fora de si mesma em prol das juventudes pode evitar um abismo maior, um verdadeiro desastre irreparável. Acrescentar esse "s" já preconiza a diversidade que se quer atingir, não somente jovens que estão no meio eclesial, mas as juventudes que não conhecemos. Essa reflexão tem despertado para o que é primário e secundário nos trabalhos com juventudes. *A priori* se percebe que a aproximação com a juventude traz o interesse institucional: queremos mais jovens para a catequese, para o grupo de jovens, para a liturgia, para as nossas Congregações... Esse querer é lícito diante da missão que acreditamos ser continuidade do Reino de Deus, contudo se torna secundário quando notamos que sem a vida dos jovens não é possível convite para um projeto, seja na comunidade, seja na Congregação. Sem a vida não se pode pensar em projetos, por isso que essa é primária.

A Carta do Seminário Nacional das Pastorais de Juventude do Brasil (PJBs) denunciou a realidade da juventude ameaçada: o extermínio da vida dos jovens.

Mediante essas reflexões podemos constatar que não é possível pensar em projeto de vida para as juventudes enquanto a vida está sendo exterminada. Como sonhar projetos para as juventudes se a vida está em risco? Vejamos a carta da PJB, fruto desse importante mutirão que se quer ver transformado em campanha:

> Entre os dias 29 e 31 de maio de 2009, na Escola Nacional Florestan Fernandes, um espaço nascido da solidariedade da classe trabalhadora do mundo, jovens das Pastorais da Juventude do Brasil das cinco regiões do país, junto com representantes do

Setor Juventude, da Conferência dos Religiosos do Brasil, do Conselho Nacional do Laicato do Brasil, da Comissão Brasileira de Justiça e Paz, da Rede Brasileira de Centros e Institutos de Juventude, do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra, da Via Campesina, da revista *Mundo Jovem* e da Associação de Familiares e Amigos e Amigas dos Prisioneiros e Prisioneiras do Estado da Bahia (ASFAP/BA), reuniram-se no Seminário Nacional das Pastorais da Juventude do Brasil, construindo, em mutirão, a *Campanha Nacional contra o Extermínio da Juventude*, nascida na 15ª Assembleia Nacional das Pastorais da Juventude do Brasil, com o lema "Juventude em marcha contra a violência". Reafirmamos nosso compromisso com a vida da juventude, assumindo o desafio de colaborar com a construção da cultura da paz e denunciando as estruturas sociais que geram morte e violência. Nós nos inspiramos na mística revolucionária dos mártires da América Latina e do mundo, renovamos o compromisso com a dignidade humana, fortalecemos a esperança de um outro mundo possível e afirmamos que toda vida tem o mesmo valor. Fazemos memória de Djair de Jesus, 16 anos, morto pela PM do estado da Bahia, na cidade de Salvador, no ano de 2008; de Edson Luís, 18 anos, morto pela ditadura militar na cidade do Rio de Janeiro em março de 1968; de Wilmar de Castro, jovem morto pelo latifúndio goiano por lutar pela *vida* e organização *camponesa*; de Cinthia Magalhães, 16 anos, sequestrada, violentada sexualmente e morta na periferia de Manaus em 2004; de Rodrigo da Silva, 23 anos, militante da PJB, pobre e negro, morto pela homofobia em Cachoeira do Sul–RS, em 2007; de Clodoaldo Souza, "Negro Blul", 23 anos, mártir da campanha "Reaja!", morto por grupos paramilitares no estado da Bahia em 2007; e de tantas outras vidas, vítimas da violência, com os quais nos unimos, decidimos que vamos mudar essa história e que as nossas lágrimas regarão com esperança o chão da dura realidade para sempre sonhar a utopia de uma sociedade justa e igual, ameaçando com dureza todo o poder que gera opressão. Acreditamos numa sociedade sem racismo, sem machismo, sem sexismo e sem homofobia. Cremos no fim de todas as prisões, no fim de todas as formas de extermínio, na construção de outras formas de organização da sociedade e na

utopia de um mundo sem oprimidos(as) e sem opressores. Temos como princípio o resgate da solidariedade, o diálogo com os movimentos sociais, a autonomia política diante das estruturas institucionais; a construção de um outro modelo de sociedade; o seguimento de Jesus Cristo, libertador, parceiro dos pobres, Deus dos oprimidos; a defesa da vida da *juventude* e a participação popular. Nós nos colocamos em marcha. Estamos em campanha contra o extermínio!

Guararema–SP, 31 de maio de 2009.

Assinada pela PJB.

Atitudes projetadas

Diante dessa realidade, nós nos sentimos interpelados(as) a fazer um movimento em direção às juventudes, focando primeiramente em suas necessidades e não nas Instituições. Para tanto, assumimos um projeto comum, como Igreja do Brasil, o projeto proposto pela Conferência dos Bispos da América Latina (Celam). O mesmo pressupõe um planejamento com duração de quatro anos, contendo as seguintes etapas:

1ª (2008) Ano de encantamento em vista de uma adesão à causa do jovem, da pessoa do jovem.

2ª (2009) Escutar os jovens com a escuta de Jesus. Sair em missão rumo ao jovem, em seus lugares concretos (espaços vitais). O que interessa é a pessoa do jovem e, para isso, é preciso entendê-lo. Como está o sentido da vida desses jovens? Escutá-los em suas diversas realidades (exclusão nas ruas, prisões...). O movimento da Igreja e da Vida Religiosa deverá voltar-se em especial para o jovem, percebendo sua realidade. Olhar e perguntar, a partir do sujeito, sem preconceitos (as tatuagens, danças...) o que isso quer dizer.

3ª (2010) Discernir – ver o que pode ser feito e acompanhar o processo. Sistematizar as contribuições e trabalhar a proposta de um documento final.

4ª (2011) Conversão em prol dessa causa. Numa atitude missionária, mudar de rumo se for necessário, em vista de um seguimento fiel e coerente com o Evangelho no caminho de encontro com os jovens.

Tudo isso dentro de um *movimento*, pelo qual não trazemos necessariamente o novo, mas ampliamos a realidade encontrada. Esperamos, a partir desse projeto e principalmente da missão da escuta, encontrar pistas que possam nos ajudar nessa aproximação das juventudes. Uma constatação já fizemos: não é possível atingir esse objetivo isoladamente, olhando somente a partir de nossa Congregação ou Instituto; é preciso somar forças, formar uma rede em prol dessa causa.

Conclusão

A constatação de que já havia um movimento em favor da juventude ajudou na percepção de que não somos os(as) salvadores(as) da "pátria", mas, a partir do que já está sendo feito, impulsionar e fazer acontecer essa prioridade. Partimos da realidade de cada Congregação e Instituto, entendendo que não é necessário abrir mão do caminho que se faz, mas ter postura diferente (atenta e acolhedora com foco nos jovens). Com a perspectiva de aproximação e escuta atenta à realidade das juventudes temos a pretensão de chegar a um novo perfil das juventudes que nos faça entendê-las melhor, corrigindo o abismo existente.

Estamos nos unindo para esse grande mutirão. Enquanto CRB, formamos um Grupo de Trabalho virtual a fim de trocar informações e somar forças com as Regionais. Parceiros da CNBB, estamos na Comissão de Assessoria Nacional (CAN) e ajudando nas reflexões do Setor Juventude.

A abertura das Congregações e Regionais da CRB para aproximação e acompanhamento tem apontado para grandes possibilidades na concretização da quinta prioridade. É possível notar disposição, empolgação e abertura nos encontros e na missão da escuta. Essa abertura para o novo já tem efeitos quando revemos nossa forma de aproximar, onde já questionamos nossos interesses, que, na relação com as ju-

ventudes, focam em nossas necessidades e não nas do jovem. É possível notar o desejo de olhar para as juventudes a partir delas e de seus grandes sonhos e não somente para as necessidades da Instituição. Esse movimento e essa perspectiva nos impulsionarão mais para a "vida", não para os serviços.

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Como você e sua Congregação estão envolvidos(as) com a realidade das juventudes?
2. No trabalho com as juventudes, que vem primeiro: as necessidades da Instituição ou as dos jovens?
3. Como você e sua Congregação têm trabalhado em prol das parcerias? Como pensar trabalhos em conjunto (com Congregações, setor juventude das dioceses etc.)?

A Vida Religiosa Contemplativa no mundo da ciência e da tecnologia

Martha Lúcia Ribeiro Teixeira, osb*

Ao ser convidada a escrever este artigo, muitas ideias me vieram à mente. Como abordar um tema tão atual e tão complexo ao mesmo tempo? Como falar de todo o desenvolvimento que a ciência e a tecnologia nos trouxeram sem falar dos grandes riscos e perigos que elas também nos trazem? Decidi, então, tentar um equilíbrio com realismo sobre a abordagem da Vida Religiosa Contemplativa no mundo da ciência e da tecnologia.

Monges e monjas, enquanto monges e monjas, enquanto comunidades monásticas com sua identidade específica e sua missão na estrutura global da sociedade, têm uma contribuição própria a dar à cultura hodierna? Quando interrogamos a história, constatamos que sempre houve entre os monges duas tendências que, em épocas diversas, se alternaram, sem que nunca uma das duas se tenha tornado exclusiva.

A fuga mundi *na vida monástica*

Na origem do monaquismo encontramos a *fuga mundi*, hoje diríamos a "contestação da cultura". Os Padres do Deserto davam as costas ao mundo e a tudo aquilo que o homem havia criado nele, portanto à cultura. Buscavam a solidão na natureza selvagem não civilizada, no deserto; queriam estar a sós com Deus. Mas não podiam evitar que o mundo, do qual haviam fugido, os seguisse ao deserto, que os homens viessem a eles para implorar conselho e sabedoria para sua vida no meio do mundo.[1]

* **Madre Martha Lúcia Ribeiro Teixeira** é monja beneditina, abadessa do Mosteiro Nossa Senhora da Paz há onze anos e coordenadora dos mosteiros femininos da Congregação Beneditina do Brasil desde 2005. **Endereço da autora:** Estrada Mosteiro Nossa Senhora da Paz, 1400, Potuverá, CEP 06888-150, Itapecerica da Serra-SP. E-mail: abadessapaz@uol.com.br.

1. DAMMERTZ, Victor. La respuesta de los monjes frente al desafío de las culturas contemporaneas. *Cuadernos Monásticos* 89 (1989).

Também no início da vocação de São Bento se encontra esta "contestação da cultura". Ele deu as costas à Roma mundana e à sua cultura decadente, e somente tinha um pensamento: agradar a Deus. "Cientemente ignorante e sabiamente indouto, buscou a solidão, e desejando agradar somente a Deus procurou o hábito da vida santa".[2] Mas a "escola do serviço do Senhor",[3] que organizou mais tarde com sua Regra, teve nos séculos seguintes uma influência tão inesperada que com razão se qualificou a cultura da alta Idade Média como "cultura beneditina". Aqui se encontra também o motivo do fato, aparentemente tão paradoxal, de o Papa Paulo VI, em 1964, declarar Bento – que no princípio havia fugido do mundo e contestado a cultura – patrono da Europa e o proclamar "Mestre de cultura e de civilização". No curso dos séculos, entre os beneditinos, a tendência criadora e a tendência crítica da cultura sempre estiveram em conflito; umas vezes prevalecia esta, outras vezes aquela. Hoje não será acaso necessário, mediante uma cuidadosa atenção aos "sinais dos tempos" e um discernimento guiado pela Palavra de Deus, encontrar o equilíbrio, a síntese entre essas duas atitudes, que possuem, cada uma, sua justificação?

Como já disse, a vida monástica tem sua raiz na *fuga mundi* e a busca de Deus no deserto, no silêncio, em lugares e tempos afastados da agitação. Esse "retirar-se do mundo" tem como objetivo a total dedicação à vida interior. No entanto o monaquismo beneditino destaca o contato com o mundo, ainda que negativo, pois a visão de mundo era uma visão ameaçadora a se evitar. Esta é a percepção da vida monástica. Entendemos que São Bento teve uma intuição muito aberta, uma compreensão muito ampla e profunda do ser humano, fora e dentro dos claustros, e uma compaixão que abraçou toda a humanidade. Esse "mestre de cultura e civilização" não julgou o mundo como algo negativo, somente exigiu de seus seguidores o desapego, o esvaziamento de si mesmos e uma disponibilidade plena.

Crítica e "criação" da cultura: saída do mundo enquanto ele leva ao pecado e à decadência; solidariedade com o

2. SÃO BENTO. *Segundo Livro dos Diálogos de S. Gregório*. Mosteiro de Singeverga, 1992.

3. *Regra de São Bento*, Prólogo 45. Rio de Janeiro: Lumen Christi, 1990.

mundo, porque "Deus amou tanto o mundo que deu o seu Filho único".[4] Vivemos em tensão entre esses dois polos e somos chamados a buscar constantemente sua síntese e equilíbrio. Não podemos criar uma espécie de paraíso, um gueto com nossa própria cultura, que recusa o intercâmbio vital e o confronto com as culturas que nos cercam. Isto nos levaria inevitavelmente à marginalização, que não significa vida, mas morte, morte lenta, e certa.

Tampouco devemos ignorar a exortação do apóstolo Paulo a nos conformar com este mundo.[5] Somente através do nosso "ser de outra maneira" podemos dar algo aos outros. Somente se nos mantivermos fiéis à nossa identidade como cristãos e monges podemos iniciar um diálogo fecundo com as outras culturas.[6]

A *fuga mundi,* portanto, continua sendo um elemento essencial da vida monástica. São João, no seu Evangelho, nos fala de maneira profunda desse "estar no mundo sem ser do mundo",[7] como um paradoxo da vida de todo cristão.

É importante, porém, ressaltar que nenhuma das grandes causas que dizem respeito à Igreja e ao mundo nos são estranhas. Elas nos concernem pessoalmente, somos responsáveis por elas pessoalmente. Por nossa fidelidade à vida de oração, temos um papel na edificação do corpo do Senhor, em comunhão com todos os que trabalham para a vinda do Reino.

A técnica da comunicação

Quando entrei para o mosteiro, há quase trinta anos, a última novidade lançada era o aparelho *walkman*. Não havia ainda micro-ondas, aparelhos de videocassete e DVD, computador acessível a todos, telefone celular, IPod, Palmtop, MP 3, 4, 5 etc. As coisas mudaram muito. Um dia um abade trapista me fez, em tom de brincadeira, a seguinte observação: "Antigamente, os religiosos usavam terços presos em seus cintos. Hoje eles trazem o celular!".

Da mensagem oral à carta escrita, desta à telegrafia (já trazendo em seu cerne a noção de imediato!), passando para

4. Jo 3,16.

5. Rm 12,2.

6. DAMMERTZ, La respuesta de los monjes frente al desafío de las culturas contemporaneas, p. 147.

7. Jo 17,16.

o telefone e fax (que pareceu um milagre!), do telefone e fax para o computador e, agora, com o baixo custo deste, ligado à rede eletrônica, a comunicação com o mundo. Orkut, MSN etc. são os meios de comunicação atuais. A internet nos traz notícias do Camboja, das Ilhas Samoa; enfim, de A a Z, de Alasca a Zâmbia, no mesmo instante. Exemplificando: quando se descobriu, na área da tecnologia, o micro-ondas, o mundo da cozinha se tornou mais prático e nos restaurantes se modificou a maneira de se organizarem menus. Mas esta tecnologia se limita à área local, no máximo a um metro quadrado. Quando foi inventada a aeronave, a vida monástica se utilizou desta tecnologia para fundar mosteiros nos confins da terra. Mas mesmo assim a aeronave sai de um lugar e pousa em outro. Com a internet não temos mais lugar, somente o *ciberespaço*; não há mais movimento no tempo; tudo é imediato; em menos de um segundo mensagens com fotografias perfeitas, quase reais, penetram o nosso dia.

A cidade secular foi transformada pela introdução sucessiva de novos meios de comunicação e pela rapidez na transmissão de palavras, imagens e toda espécie de dados.[8] Mas que é que mudou dentro de nós? Em que medida essa transformação tem modificado a fisionomia da vida monástica? Como lidar com esta realidade que se tornou algo tão importante neste mundo? É fundamental que haja uma doutrina monástica coerente, enraizada no Evangelho, mas aberta às realidades da vida contemporânea, que possa ajudar os monges a conciliar a antiga experiência à nova que se molda no mundo atual.

Benefícios e desafios

Muitos valores próprios da vida contemplativa de certa forma são contestados pela tecnologia. Em que medida tudo isso é contrário ao espírito de estabilidade, de clausura, do grande silêncio? Como existir um equilíbrio para que o excesso de palavras, de imagens e toda sorte de informações que nos são dadas não sejam empecilhos para o único necessário que viemos buscar na vida monástica?

8. MILROY, Dominique. *Formation monastique et monde profane. Lettre de Ligugé* 279 (1997) p. 3-16.

É importante ressaltar a experiência de nossa dependência ou independência da tecnologia atual. Parece-me que a questão deva ser interrogarmo-nos sobre sua interferência, positiva ou negativa, em nossa vida: para quê? Essa simples pergunta nos proporciona a medida, o limite, a real utilidade de algo que nos pode beneficiar (e nos beneficia!) em vários setores, como, por exemplo, em tempo, praticidade, em mobilidades etc., e nos impede de cairmos num "modismo", num desenfreado consumismo, numa globalização que pode sufocar a seiva da verdadeira vida que viemos buscar na vida monástica, com o afã de estarmos sempre atualizadas(os) com o lançamento da última novidade. Exatamente aí está o cerne do desafio que abordei no início deste artigo.

Somos como o povo hebreu, sempre tentados a criar novos ídolos. No passado, esses ídolos eram de metal fundido,[9] estátuas de deuses de outros povos, talismãs, sempre algo que, no fundo, quer ocupar o nosso coração e, consequentemente, o lugar de Deus. Hoje esses ídolos são eletrônicos, podem nos trazer algum benefício imediato, mas também podem roubar de nós o tempo que poderíamos dar a mais para Deus.

A vigilância do coração, o exercício da liberdade e a busca constante do sentido daquilo que faço, leio, vejo, escrevo e falo, são fundamentais para me manter na direção e no equilíbrio certos.

No fundo dessa tendência à idolatria há sempre a única questão que, em todos os tempos, interpela o ser humano e que São Bento tão sabiamente inseriu no prólogo de sua Regra: "Qual é o homem que quer a vida e deseja ver dias felizes?".[10] A verdadeira felicidade, aquilo que preenche o nosso coração, a nossa vida, e que dá sentido à nossa existência, é essa busca incessante da Face de Deus.

Um bom questionamento em relação a essa busca, ao nosso agir, e bastante atual para o mundo de hoje, é o que tão bem ensinou Santo Inácio de Loyola em seu *Princípio e fundamento*:

9. Ex 32,1-6.

10. *Regra de São Bento*, Prólogo 15. Rio de Janeiro: Lumen Christi, 1990. Sl 33,13.

> O ser humano é criado para louvar, reverenciar e servir a Deus nosso Senhor e, assim, salvar-se. As outras coisas sobre a face da terra são criadas para o ser humano e para o ajudarem a atingir o fim para o qual é criado. Daí se segue que ele deve usar das coisas tanto quanto o ajudam para atingir o seu fim, e deve privar-se delas tanto quanto o impedem.[11]

Um questionamento sincero em face dessa visão nos bastaria como discernimento para não cairmos nos perigos a que somos tentados, mesmo aparentemente tão protegidos na vida monástica.

O Santo Padre, em sua mensagem para o 43º Dia Mundial das Comunicações Sociais, sabiamente nos incentiva e nos adverte sobre este tema:

> Amados irmãos e irmãs,
>
> Aproximando-se o Dia Mundial das Comunicações Sociais, é com alegria que me dirijo a vós para expor-vos algumas das minhas reflexões sobre o tema escolhido para este ano: *Novas tecnologias, novas relações. Promover uma cultura de respeito, de diálogo, de amizade.* Com efeito, as novas tecnologias digitais estão provocando mudanças fundamentais nos modelos de comunicação e nas relações humanas. Essas mudanças são particularmente evidentes entre os jovens que cresceram em estreito contato com essas novas técnicas de comunicação e, consequentemente, sentem-se à vontade num mundo digital que, entretanto, para nós, adultos que tivemos de aprender a compreender e apreciar as oportunidades por ele oferecidas à comunicação, muitas vezes parece estranho. Por isso, na mensagem deste ano, o meu pensamento dirige-se de modo particular a quem faz parte da chamada *geração digital*: com eles quero partilhar algumas ideias sobre o potencial extraordinário das novas tecnologias, quando usadas para favorecerem a compreensão e a solidariedade humana. Essas tecnologias são um verdadeiro dom para a humanidade: por isso devemos fazer com que as vantagens que oferecem sejam postas a serviço de todos os seres humanos e de todas as comunidades, sobretudo de quem está necessitado e é vulnerável.
>
> A facilidade de acesso a celulares e computadores juntamente com o alcance global e a onipresença da internet criou uma

11. *Escritos de Santo Inácio. Exercícios espirituais, Princípio e fundamento.* Trad. por R. Paiva. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2006. p. 23.

multiplicidade de vias através das quais é possível enviar, instantaneamente, palavras e imagens aos cantos mais distantes e isolados do mundo: trata-se claramente de uma possibilidade que era impensável para as gerações anteriores. De modo especial os jovens deram-se conta do enorme potencial que têm os novos "media" para favorecer a ligação, a comunicação e a compreensão entre indivíduos e comunidade, e usam-nos para comunicar com os seus amigos, encontrar novos, criar comunidades e redes, procurar informações e notícias, partilhar as próprias ideias e opiniões. Desta nova cultura da comunicação derivam muitos benefícios: as famílias podem permanecer em contato apesar de separadas por enormes distâncias, os estudantes e os investigadores têm um acesso mais fácil e imediato aos documentos, às fontes e às descobertas científicas e podem por conseguinte trabalhar em equipe a partir de lugares diversos; além disso a natureza interativa dos novos "media" facilita formas mais dinâmicas de aprendizagem e comunicação que contribuem para o progresso social.

[...]

As novas tecnologias abriram também a estrada para o *diálogo* entre pessoas de diferentes países, culturas e religiões. A nova arena digital, o chamado *cyberspace*, permite encontrar-se e conhecer os valores e as tradições alheias. Contudo, tais encontros, para ser fecundos, requerem formas honestas e corretas de expressão juntamente com uma escuta atenciosa e respeitadora. O diálogo deve estar radicado numa busca sincera e recíproca da verdade, para realizar a promoção do desenvolvimento na compreensão e na tolerância. A vida não é uma mera sucessão de fatos e experiências: é antes a busca da verdade, do bem e do belo. É precisamente com tal finalidade que realizamos as nossas opções, exercitamos a nossa liberdade e nisso — isto é, na verdade, no bem e no belo — encontramos felicidade e alegria. É preciso não se deixar enganar por aqueles que andam simplesmente à procura de consumidores num mercado de possibilidades indiscriminadas, onde a escolha em si mesma se torna o bem, a novidade se contrabandeia por beleza, a experiência subjetiva sobrepõe-se à verdade.

[...].[12]

12. PAPA BENTO XVI. Novas tecnologias, novas relações. Promover uma cultura de respeito, de diálogo, de amizade. Revista *Convergência*, Ano XLIV, n. 420, p. 188-193, abr. 2009.

A tecnologia e os valores cristãos

O caminho para essas questões parece-me ser o equilíbrio no uso da tecnologia, conservando os valores cristãos. Os meios tecnológicos muitas vezes sufocam a Palavra porque querem suplantá-la, e impedem a experiência do Sopro de Deus.

Não estamos, também nós, correndo o risco de pensar que Deus não é tão necessário para o ser humano e que o desenvolvimento técnico e econômico é mais urgente do que o espiritual? Acaso não pensamos, também nós, que as realidades espirituais são menos reais do que as materiais? Vemos, porém, que um desenvolvimento econômico sem desenvolvimento espiritual destrói o ser humano e o mundo.[13]

O mundo virtual para muitos se tornou o real. Valores como verdade, transparência e retidão passaram muitas vezes a ser relativos e corremos sempre o risco de deixar essa mentalidade, essa corrente entrar em nossa vida e ser mais importante ou tão importante quanto os valores reais que viemos buscar.

Mais do que nunca é preciso muito discernimento, muita medida e diria até parcimônia, quando acessamos e nos beneficiamos de algo que a tecnologia nos apresenta. Entre esses inúmeros benefícios podemos ressaltar essa grande comunhão, trazida pela internet, na qual estamos em apenas alguns segundos unidos ao mundo inteiro, acompanhando todas as situações nos lugares mais distantes e longínquos. Como não mencionar o acesso às bibliotecas virtuais que nos oferecem uma riqueza em textos e imagens e que tanto nos ajudam nos estudos e nas pesquisas?

Contudo quero ressaltar uma preocupação que muitas vezes me assalta. Percebo que é cada vez mais comum às pessoas que moram na mesma casa se relacionarem por e-mail. Fazem combinações, marcam encontros, partilham experiências vividas e sites visitados etc. Eu me pergunto: onde fica a experiência de se encontrarem realmente, de se olharem, de se tocarem, de perceberem através dos olhos, da voz, da postura, como estão naquele momento, fazen-

13. RATZINGER, Joseph. *O caminho pascal*. São Paulo: Loyola, 1986.

do a verdadeira experiência da comunhão? Trata-se de um dos aspectos que envolvem os inúmeros desafios e perigos dentro do fantástico e fascinante mundo da ciência e da tecnologia...

Hoje em dia se torna necessário oferecer um tempo de transição e acompanhamento às pessoas que entram nos mosteiros. Acho interessante citar as moças que procuram a vida religiosa e que entraram em contato conosco pela internet. Fazem parte dessa geração *on-line*, acostumada a "navegar" por todos os cantos do mundo virtual e a ter respostas rápidas e imediatas. Elas passam pela transição de uma vida das experiências para uma experiência de vida profunda.

O chamado para esta vocação específica e a entrada para o mosteiro é algo concreto, real e verdadeiro, mas, quando entram, levam o choque cultural, pois não estão acostumadas a se relacionar de outra forma a não ser pela internet. Há a fase de adaptação. Quando essas vocacionadas se tornam candidatas à vida monástica em nosso mosteiro, vão aos poucos recebendo uma nova catequese, em que são ressaltados o amor à leitura, à paciência, a não ter pressa para as coisas de Deus. Os novos valores se sobrepõem a esta "cultura" alienada e fragmentada. Molda-se, na verdade, uma nova maneira de celebrar, de conhecer, de viver e de contemplar.

Nos últimos anos se tem afirmado que os votos religiosos têm uma função crítico-cultural profética. São, igualmente, um protesto contra os modelos de pensamento e comportamento predominantes e amplamente estendidos que pretendem libertar o ser humano, mas que na realidade o conduzem sempre a novas dependências, e assim até a uma progressiva alienação.[14]

Não se pode "acessar" Deus em um minuto nem dele obter respostas em segundos. Eu diria que essa "conexão" direta e contínua – usando uma linguagem atual! – é algo conquistado a cada dia, lentamente, parcialmente, com momentos intensos de exercícios e contínua disponibilidade para aguardar uma resposta que pode levar anos a vir. Torna-se um desafio, mas eu diria que se trata de um desafio

14. DAMMERTZ, La respuesta de los monjes frente al desafío de las culturas contemporaneas, p. 143.

fascinante, que nos confronta com a atualidade de Deus em nossa vida Pós-Moderna, que cria meios e formas de se comunicar conosco.

Contestar e elencar os benefícios ou perigos que o mundo da tecnologia traz para a vida contemplativa pode ser necessário, mas o mais importante é integrar com equilíbrio essas duas realidades que aparentemente parecem tão diversas, "para que em tudo seja Deus glorificado".[15]

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Aponte os benefícios que algumas das descobertas (ou das técnicas) modernas trazem para o seu grupo e a sua pessoa.
2. Tendo como pano de fundo o relato da criação em Gn 1, saliente o que a tecnologia traz a cada obra de Deus como desenvolvimento. Por exemplo: luz, água, ecologia.
3. Como manter uma linha de equilíbrio entre os benefícios que os meios tecnológicos oferecem e o perigo que eles podem trazer para o relacionamento entre as pessoas?

15. *Regra de São Bento*, 57,9. Rio de Janeiro: Lumen Christi, 1990. 1Pd 4,11.